Obras completas

de Luiz Augusto Rebello da Silva

Revistas e methodicamente coodernadas

1

Rausso por homizio

EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL

RUA DAS FLORES, 3

LISBOA

EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL

Sociedade editora

LIVRARIA MODERNA

95—RUA AUGUSTA—LISBOA

OBRAS COMPLETAS

DE

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA

I

OBRAS COMPLETAS DE LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA

Revistas e methodicamente coordenadas por ***

I

ROMANCES E NOVELLAS — I

RÁUSSO POR HOMIZÍO

VOLUME UNICO

LISBOA

EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL

Sociedade editora

LIVRARIA MODERNA | TYPOGRAPHIA

R. Augusta, 95 | *45 R. Ivens, 47*

1907

ADVERTENCIA AO LEITOR

Fieis á nossa promessa e mais com o objectivo de prestar um bom serviço ás lettras patrias do que impulsionados pela preoccupação de interesses pecuniarios, continuamos a nossa publicação das obras completas dos escriptores portuguezes mais illustres do seculo XIX, que nos tem sido permittido editar.

Depois de havermos publicado as obras do brilhante prosador e poeta Almeida Garrett, e do poeta classico e incomparavel purista A. F. de Castilho, é com intima satisfação que começamos a publicar a grande obra litteraria e philosophica de Luiz Augusto Ribello da Silva, cujo talento multiplice se adaptava ao estudo dos mais variados ramos dos conhecimentos humanos, sobresahindo sempre com a sua inconfundivel individualidade. E' para surprehender, a quem sabe o que custam, em tempo e estudo, os trabalhos litterarios dignos

d'este nome, enumerar o grande numero de obras publicadas por L. A. Rebello da Silva, durante a sua curta existencia de 49 annos, quando sabemos que este homem publico andou sempre envolvido nas luctas politicas e de imprensa, bem como nas apaixonadas discussões parlamentares, gastando o melhor dos seus dias, a subir as escadas das secretarias d'Estado, para servir amigos, tendo, além d'isso, as noites tomadas pelas prelecções da cathedra ou dos saráus litterarios e reuniões politicas. Comtudo a individualidade litteraria d'este escriptor é inconfundivel, em qualquer manifestação do seu talento; como romancista, historiador ou philosopho, encanta pela belleza de colorido do seu opulento estylo.

Entendemos que deveriamos começar a edição d'estas obras, com uma singella e resumida biographia de Rebello da Silva, coordenada dos escriptos d'aquelles homens de lettras que mais privaram e mais justos foram para com este escriptor.

Luiz Augusto Rebello da Silva, filho unico do desembargador Luiz Antonio Rebello da Silva e de D. Anna Joaquina de Lima Rebello da Silva, nasceu em Lisboa a 2 de abril de 1822 e falleceu a 19 de setembro de 1871 pelas 9 horas da manhã, succumbindo á ruptura d'um aneurisma na *cróssa* da aorta, apoz longos mezes de cruel soffrimento.

Foi desde a infancia muito fraco e doente; mas, revelando desde então a sua grande e

precoce intelligencia. Era muito creança ainda, quando seus paes o entregaram aos cuidados de dois tios frades do convento de Jesus, Fr. José e Fr. Manuel Rebello da Silva, muito douto na lingua latina e insigne arabista, prégador e confessor da ordem á qual pertencia, e ahi permaneceu até que, depois da extincção das ordens religiosas, voltou de novo á casa paterna, mas profundamente influenciado pela educação monacal e com uma grande paixão pelos estudos classicos.

A sua organização muito fraca, que lhe permittia apenas ir vivendo difficilmente sob um severo regimen aconselhado pelo medico, não lhe consentiu o dedicar-se ao trabalho como desejava, continuando, todavia, os seus estudos classicos e philosophicos com o professor official João Baptista Corrêa de Magalhães.

Aos 16 annos, na Sociedade Escholastico—Philomatica, começou a revelar-se como orador, salientando-se pelo relevo rhetorico da phrase.

Em fevereiro de 1840 fez os exames preparatorios para a admissão á matricula na Escola Polytechnica de Lisboa, sendo approvado plenamente com tres rubricas dos examinadores; mas, suppondo seu pae que em Coimbra aproveitaria melhor do que em Lisboa o trabalho consagrado ao estudo, mandou-o matricular, em outubro de 1840, no primeiro anno mathematico e philosophico da Universidade, curso que frequentou com assiduidade até 4 de fevereiro de 1841, quando uma grave doen-

ça, que o teve ás portas da morte, o obrigou a pedir uma licença de 15 dias, que lhe foi concedida pelo vice-reitor.

Prolongando-se a enfermidade, viu-se obrigado a perder o anno, e, regressando a Lisboa, apoz uma longa convalescença, mal recuperou uma saude precaria que o deixou em extremo gráu de abatimento physico.

Abandonando por completo os estudos universitarios, dedicou-se apaixonadamente aos trabalhos litterarios, com os mais auspiciosos resultados, passando os dias na bibliotheca da Ajuda á sombra do grande mestre Alexandre Herculano, velho amigo de seu pae, e companheiro nas luctas pela causa da liberdade.

N'aquella epocha, em 1842, diz o sentimental poeta —Bulhão Pato: [1] «Rebello da Silva tinha então vinte e dois annos. Estatura mediana debil, lymphatico; fronte espaçosa e abobadada, na fórma da testa de Shakespeare, segundo representam o Eschylo inglez. Cabello basto, excessivamente negro e fino. Olhos pretos, faiscando como dois brilhantes negros das mais finas aguas. Bôcca voltaireana. Rebello tinha o epigramma prompto, corrente, agudissimo, mas a sua ironia não era nem dicaz nem venenosa. Ainda na adolescencia, o corpo acurvava-se, como se estivesse na senectude.

«Tinha o vicio de Bocage: roía desesperadamente as unhas. A sua phisionomia, olhada

[1] *Sob os cyprestes*, por Bulhão Pato

perfunctoriamente, parecia vulgar; estudada com attenção, era a phisionomia de um homem superior.»

N'esta epocha escreveu o *Râusso por homizio* romance historico do reinado de D. Sancho II; em 1848 sahiu a lume o *Odio velho não cança*, emocionante romance historico fundado n'uma tradição do seculo XIII, o rapto de Maria Paes Ribeira; em 1852 publicou o notavel romance *Mocidade de D. João V;* em 1863 escreveu, em Cintra, o primoroso romance historico do reinado de D. Maria I—*Lagrimas e thesouros;* em 1865 apparece á venda o romance historico do tempo dos francezes — *a Casa dos phantasmas.* As publicações posthumas foram os romances — *De noite todos os gatos são pardos* e os *Contos e Lendas.*

O romance *Mocidade de D. João V* teve uma grande acceitação do publico, e as apreciações mais honrosas do mundo litterario; e, passando as fronteiras, alguns dos seus mais formosos capitulos foram publicados nos jornaes francezes.

A'cerca do romance — *Lagrimas e thesouros* Camillo Castello Branco publicou um formoso estudo no *Commercio do Porto,* em 10 de fevereiro de 1864, que depois veiu a ser publicado no livro *Esboços de apreciações litterarias* de que a *Empreza da Historia de Portugal* fez ainda ha bem pouco tempo uma edição popular. Para esse estudo enviamos o leitor.

A historia foi sempre, para Rebello da Silva, desde os tempos da infancia, o mais attra-

hente ramo da litteratura, bem como a philosophia foi a gymnastica poderosa que lhe desenvolveu e disciplinou as faculdades intellectuaes, encaminhando-o a metaphysica pelos páramos ideaes, por onde se expandia a sua imaginação ardente e inspirada, condensando-se em pensamentos da moral mais pura. Os annos que passára na grandiosa bibliotheca de Jesus, sugeito á disciplina monacal, não foram jámais esquecidos; porque no meio d'um mundo de livros, chronicas, historia sagrada e profana, habituára-se na meditação dos livros a viver com as gerações extinctas, e, quem sabe, se em visões, como phantasmas, lhe appareciam a horas mortas, nas sombras dos solitarios claustros, aquelles grandes vultos historicos que elle depois retratou nas paginas dos seus livros com a fidelidade de instantaneos photographicos. A contemplação religiosa e os estudos theologicos levaram-n'o a emprehender uma obra de largas proporções os *Fastos da Egreja*, que, por circumstancias imprevistas, não poude continuar, publicando só dois volumes em 1854, que abrangem o primeiro periodo da epocha do christianismo — a vida de Jesus-Christo. Em linguagem moderna, e sobre este assumpto, não ha livro mais bello.

A introducção é como que um portico de formosissima architectura manuelina; tem o arrojo de pensamento e o soberbo estylo de Volney nas suas descripções do oriente no seu livro—*La Ruine des Empires*. Quadro mais

bello da sociedade romana quando surgiu o christianismo, não o conhecemos; tal é o primor da linguagem e o vigor das pinturas que parecem mais surgir em uma tela do pincel magico de Leonardo de Vinci que dos bicos d'uma penna.

Descrevendo a vida de Christo, como theologo e não como philosopho, Rebello da Silva não podia ir beber os conhecimentos historicos a outras fontes que não fossem os livros sagrados, e, d'esse lendario, vasto e grandioso scenario da Terra Santa a pintura que nos faz é maravilhosa, attestada, a cada passo, a verdade chorographica, pelos auctores mais conceituados dos tempos antigos e modernos.

Como olhando por um maravilhoso kaleidoscopo percorremos a Syria e a Galiléa, com o seu mysterioso mar ou lago de Genesareth, rodeado d'um amphitheatro de altas montanhas cinzentas, escuras, excepto do lado do meiodia, onde se estreita, para deixar o rio sagrado dos Hebreus, o rio dos prophetas — o Jordão, que serpeia pela planicie pantanosa de Esdraelon. Subimos ao monte Caramello, onde desde então até agora têem habitado, em humilde convento, frades ascetas; pisamos os arbustos odoriferos que o revestem, para depois nos encaminharmos para a cidade sancta, a Jerusalem da Escriptura. Passamos a ravina do Cédron, subimos ao monte das Oliveiras e contemplamos o precipicio de Gethsemani e e o valle de Josaphat, presenciamos todos os

acontecimentos da vida de Christo e assistimos ao grande drama do Calvario.

Durante o periodo que decorre de 1860 a 1871 escreveu a *Historia de Portugal nos seculos* XVII *e* XVIII, comprehendendo cinco grossos volumes, onde se descrevem os successos que determinaram mais de perto a decadencia da monarchia portugueza, desde a batalha de Alcacer-Kibir até á revolução de 1640.

Como historiador, o ponto fraco de Rebello da Silva era não profundar muito as materias, não as investigar ou comproval-as de modo a deixar satisfeito o leitor exigente, porque o tempo não lhe chegava para ler os pergaminhos dos velhos archivos do paiz, nem tinha secretarios, como é costume no estrangeiro, que o ajudassem n'este trabalho; por isso não poude ir além do estudo do que havia impresso ácerca d'aquella epocha e do muito que ainda poude investigar de papeis ineditos, na Bibliotheca da Ajuda e na Torre do Tombo.

A maior parte dos criticos apreciaram em vida devidamente o trabalho de Luiz Augusto Rebello da Silva, se bem que a alguns d'elles inspirasse a penna, em sentido desfavoravel, a paixão politica e partidaria. A sua obra passou as fronteiras, e ahi cahiu sob a acção da critica da generosa e douta litteratura franceza.

O jornal francez *Le Monde Illustré*, de 17 d'agosto de 1861, apresenta na sua ultima pagina o retrato de Luiz Augusto Rebello da

Silva, acompanhado d'uma longa e bem elaborada biographia.»

Começa por dizer d'este auctor «c'est un des écrivains dont les Portugais s'enorgueillissent á juste tître.»

Apreciando a *Historia de Portugal*, diz: «Le premier volume vient de paraître à Lisbonne. On le traduit maintenant en espagnol et en françai.

«Ce livre, dont il est question du jeune roi Dom Sebastien et de ses malheurs légendaires, de Charles V, de Philippe II, du célèbre duc d'Albe et de tant d'autres grandes figures historiques, est plus qu'un travail exclusivement portugais; c'est un ouvrage européen et par le sujet et par l'élévation des idées.»

Em janeiro de 1862, a *Rivista Italiana di scienze, lettere ed arti*, publicada em Torino, em um formoso artigo, o sr. Vegezzi-Ruscalla faz um resumido estudo da litteratura portugueza tecendo o mais rasgado elogio á obra litteraria de Rebello da Silva.

A Historia de Portugal mereceu especial sympathia aos escriptores francezes que se occuparam d'esse trabalho em differentes jornaes e por differentes epochas, sempre com uma critica agradavel para o auctor e honrosa para o paiz que lhe deu o ser. A enumeração d'esses jornaes é a seguinte.

Journal des Débats, Paris, samedi 28 mai 1861, *La Presse* du 18 Juillet 1864, *Le Temps* du 11 Août 1864, *La Patrie*, du 30 Août

1864, *Le Moniteur universel* du 1er Septembre 1864. *Le Temps,* Paris 27 Septembre 1864, na secção letras, sciencias, e bellas artes, publica a noticia:

«M. Victor Hugo a adressé la letre suivante á l'historien portugais, M. Rebello da Silva, auteur du dernier ouvrage (Invasion et occupation du royaume de Portugal en 1580) dont nous avons rendu compte dans notre numero du 11 aôut dernier:

Hauteville — House, 11 aôut 1864.

Monsieur

J'ai lu avec un vif interêt le remarquable ouvrage que vous avez bien voulu m'envoyer. Le talent de l'historien est à la hauteur du sujet.

Vous êtes inspiré par un noble sentiment patriotique, et j'applaudis à vôtre œuvre.

Le Portugal est une illustre nation. Il a jadis compté parmi les peuples puissants, et il compte aujourd'hui parmi les peuples libres. Cette double gloire le place très haut dans l'histoire de la civilisation.

Je vous félicite, monsieur, de votre travail approfondi et lumineux, et je vous offre l'assurance de ma considération trés distinguée.

Victor Hugo.

Em 1865, a *Revue Contemporaine* (XIV *Année, Deuxième série)*, apresenta á estampa um desenvolvido estudo de um conhecido escriptor brazileiro ácerca da litteratura portugueza, no qual, sendo severo na critica e nada benevolo para com Rebello da Silva, como jornalista, cita com admiração algumas das suas obras e apresenta, como specimen do estylista primoroso, uma pagina da sua Historia de Portugal—a batalha de *Alcacer-Kibir*.

O jornal francez *L'International*, vendido de manhã em Paris e á noite em Londres, occupa-se n'uma serie de numeros dos estudos historicos de Rebello da Silva em 9, 10, 12 e 14 de Julho de 1866.

Um dos poetas e litteratos mais distinctos do seculo passado, Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro, em uma biographia no *Almanach de Lembranças de 1874*, aprecia em breves palavras Rebello da Silva, mas com critica sincera e justa:—«Como historiador, Rebello da Silva póde não profundar muito as materias, não investigal-as ou comproval-as, de modo que deixe satisfeito o leitor exigente. Em compensação, seduz expondo; os seus retratos são acabados, é imparcial na apreciação dos factos, avalia os acontecimentos com desassombrada critica, e o seu estylo, sempre fluente, sempre accommodado ás situações, é amplo, tem movimento e brilho. Pena foi que tão prematura morte lhe não deixasse levar ao fim a historia dos seculos XVII e XVIII,

porque não seria um dos menos perduraveis monumentos da sua incontestavel gloria.»

Para concluir estas reminiscencias litterararias, permitta-nos o leitor que façamos a transcripção d'uma verdadeira joia litteraria da penna do brilhante escriptor, e grande coração d'homem de bem — Manuel Pinheiro Chagas, contemporaneo de Rebello da Silva, estampada no *Diario Illustrado* de 18 de Setembro de 1872.

«Foi n'este mez que o perdemos. Em setembro de 1871 desappareceu do mundo dos vivos aquelle grande vulto.

«Estavam então mais accesas do que nunca as paixões politicas; mas emmudeceram junto da campa entre-aberta do grande escriptor, e do orador eloquente. Enterrou-se, uma tarde em que já sopravam tristemente na rama dos cyprestes, as primeiras brizas do outomno. O sol, frouxo e tibio, illuminava com os seus raios descórados a lousa de Rebello. Sobre a terra, remechida de fresco, vimos erguer-se o vulto commovido de Bulhão Pato. Com a voz cheia de lagrimas, com a dôr a arrancar-lhe do coração torrentes de eloquencia, o poeta mavioso proferiu o adeus supremo áquelle que franqueava n'esse momento os umbraes da immortalidade.

«Quando nos vibraram no ouvido os ultimos echos da palavra prestigiosa de Bulhão Pato, quando sentimos depois o surdo estrondo da terra que desaba sobre o caixão, afastámo-nos com passos vagarosos; depois a turba

correu para a cidade a tratar dos seus interesses, dos seus prazeres, das suas occupações; e a viração da tarde, sussurrando nas lyras do cyprestal, começou a psalmear o seu eterno *Requiem* sobre a lousa de Rebello da Silva.

«Pois deixava elle na litteratura portugueza um vacuo difficil de preencher. Era um d'estes vultos possantes que espantam pela diversidade das aptidões, e pela facilidade do trabalho. Era uma intelligencia completa, uma personalidade vigorosa. A abundancia era o caracteristico do seu talento. Semeava com mãos prodigas as perolas da sua eloquencia; corria-lhe tão facil a palavra como a penna. Illuminava-se com o mesmo esplendor o discurso e o artigo. Manavam da mesma fonte e da mesma inspiração. Na tribuna, ou no gabinete ou na cathedra, nunca lhe faltou nem a palavra colorida, nem o periodo elegante. A idéa brotava-lhe, fundida de um só jacto no bronze no seu estylo. Se tem, ás vezes, imperfeições, é porque é a torrente que transborda, e escapa ao molde severo do pensamento. Pode peccar por superabundancia, nunca por defficiencia. Só ás vezes o prejudicava a demasiada opulencia da seiva. Em torno da sua obra, enroscavam-se, como nas florestas virgens da America, em torno de alguma arvore gigante, os festões variegados das flores.

«As télas dos seus romances pódem ter, ás vezes, o colorido ardentissimo, mas nunca

apresentam a pallidez fria e insipida dos quadros timidos, que é o cunho da mediocridade. Sente-se alli uma exuberancia de seiva, de luz, de vida, de alegria e de paixão, que nos arrebata. A sua phantasia é inexhaurivel; figuras graciosas, ou burlescas, ou magestaticas, ou severas, ou elegantes, brotam-lhe do cerebro, e vem fascinar o leitor com a sua individualidade perfeitamente definida, cheia de luz e de movimento.

«Historiador, conserva nos seus livros as faculdades do romancista; como no romance, inventa, resuscita na historia.

«Pode desdenhar o segredo das instituições e a investigação laboriosa, mas ninguem tem, mais do que elle, o magico dom de animar as figuras de pedra, que dormem sobre as lousas das cathedraes, de lhes insufflar a vida, e de as fazer passar por deante do leitor, apaixonadas, frementes, sombrias ou radiosas. Desenrola-se de novo deante de nós o apagado panorama das batalhas, das conspirações, dos assédios, das assembléas populares.

«Assistimos á tragedia de Alcacer-Kibir, vemos ennovelarem-se os esquadrões arabes e volteiarem com gritos confusos em torno das hostes portuguezas, assistimos á carga impetuosa do troço dos fidalgos, seguimos com os olhos a figura esbelta do moço rei, que se embebe no seio do turbilhão inimigo, e que lá deixa a vida, a corôa, a gloria, a independencia do reino, e a propria individua-

lidade que se desfaz em nevoa mysteriosa.

«Presenciamos a revolução de 1 de dezembro; ouvimos darem nove horas nas torres da capital, sentimos nos corredores do paço os temerarios conspiradores, ouvimos os gritos de alegria, a saudação do povo, o repicar dos sinos, o troar dos canhões, todos os rumores confusos da cidade que desperta quebrando os grilhões da monarchia.

«E' que a imaginação era talvez a faculdade predominante de Rebello da Silva, e a imaginação é, em que péze a alguns criticos, um dos elementos do genio do historiador. Como conseguirá comprehender o espirito das epochas, se não conseguir recompôl-as na phantasia? Como ha de penetrar na consciencia dos grandes vultos, se não souber resuscital-os para lhes inquirir face a face o segredo das suas paixões e dos seus actos? Que outra fada que não seja a imaginação, discretamente guiada pelo estudo consciencioso, o ha-de fazer contemporaneo dos seculos que decorreram? Que hippogripho o ha-de transportar ao seio das cidades extinctas? Como descreverá os guerreiros e os prelios, os navegadores e as tormentas, os conspiradores e as conjurações, os reis e as côrtes, os agitadores e as turbas, se todo esse panorama confuso não vier reflectir-se-lhe na camara escura da phantasia?

«Rebello da Silva era sobretudo um mestre do estylo, e não se entenda por isto que eu lhe quero dar gloria vã de ser cinzelador de

inuteis arabescos. Possuia o estylo, porque possuia a eloquencia. Tinha sempre a expressão colorida e harmoniosa, a palavra doirada, o periodo elegante, a phrase correcta, o molde gracioso ao serviço da idéa elevada e grandiosa.

«Nos labios d'aquelle homem a idéa desabrochava em flores, como nos labios de outros que nós conhecemos póde desabrochar em cardos. O seu pensamento formulava-se em melodias; ha muitos cujos pensamentos se formulam em algazarra. Tinha á sua disposição um maravilhoso instrumento. Era uma lyra a sua palavra; quando transmittia aos outros o pensamento que lhe refervia no intimo d'alma, traduzia-o em musicas divinas.

«Foi a voz, serena e grandiosa do parlamento portuguez, que teve em José Estevam a voz dominadora e apaixonada. José Estevam era o tribuno moderno arrastando as turbas, subjugando os espiritos, ás vezes trivial como O'Connell, subindo ás vezes além de Mirabeau em raptos inexcediveis; Rebello da Silva era orador atheniense, captivando a um tempo o ouvido e o espirito, tendo na ironia o atticismo elegante mas afiado, que se formulava tambem n'aquelle espirito, entre bondoso e malicioso, que lhe desfranzia os labios e lhe illuminava a physionomia. José Estevam era a torrente e a vaga, Rebello da Silva foi o rio que desliza, espelhando o céu, as estrellas, o luar, as verduras das margens,

e as vélas brancas dos barcos; mas o rio tambem tem as suas procellas, e o sr. bispo de Vizeu reconheceu-o amargamente. [1]

«O historiador eloquente da revolução de 1640 presentia os novos perigos que nos cercam, e a sua voz, já quasi extincta, ainda soube despertar os echos adormecidos com as magicas palavras, cujo segredo elle tinha; ainda soube fazer correr um frémito de enthusiasmo pelas veias dos que o escutavam.

«Foi essa, para assim dizermos, a manifestação ultima da sua eloquencia. Partiram-se as cordas do melodioso instrumento, e a alma, cujas inspirações traduzia, não tardou muito a desprender-se do involucro terreno.

«Parece que o estou ouvindo agora, quando elle em sua casa, na sua bibliotheca, me fez a honra de me lêr o prologo de um romance que se conserva inédito. Já não vinha longe a morte; na fronte pallida já lhe corriam nuvens de melancholia; mas nos olhos fulgurava-lhe de vez em quando um relampago de jovialidade, desfranzia-lhe os labios aquelle sorriso que dava tão amavel expressão ao seu rosto peninsular. O prologo falava em Garrett. Rebello da Silva phantasiava uma especie de *Dialogo dos mortos*, e pintava-se a si mesmo penetrando, como um heroe de Virgilio ou Homero, nas regiões sombrias, e pedindo ao auctor do *Fr. Luiz de Souza* alguns conselhos

[1] Allusão ao celebre discurso proferido na Camara dos Pares, do qual damos adeante um trecho.

litterarios. Mal suppunha eu que bem cedo elle iria encontrar-se com o grande poeta cuja voz imitava, ao lêr-me, com grande animação e relevo, as graciosas paginas do seu prologo.

«No seu livro—*Sob os cyprestes,* consagra Bulhão Pato algum capitulo ao eminente escriptor, de quem foi intimo amigo, e que tanto apreciava o seu mimoso talento de poeta, e a sua eloquencia espontanea. Verá então o publico Rebello da Silva na intimidade, que elle alegrava com a sua veia inexhaurivel, e em que se revelava a bondade nativa do seu caracter. Transluzem os dotes da sua alma na sua obra sã, luminosa e honesta. Nos seus romances ha o riso franco e o sentimento delicado, o pensamento grandioso, o dizer nobre e casto. Rebello da Silva tinha a phantazia de um pintor, e a alma de um poeta. O seu estylo pittoresco sabia temperar com as sombras do sentimento a luz das suas grandes télas. São por isso algumas das suas pequenas narrativas uns primores.

«Rebello da Silva morreu no principio do outomno; devia morrer então, porque o seu talento era todo primavera; brotavam as flores no seu estylo, como as boninas nas campinas verdes; nos seus livros como que se espelhava a luz serena do firmamento azul; quando falava, nos seus labios melodiosos cantavam os rouxinoes de maio».

Demoremo-nos agora um pouco a conside-

rar Rebello da Silva, como orador, uma das suas proeminentes feições.

Aos 16 annos, em 1838, frequentava a Sociedade Escholastico-Philomatica, na rua da Atalaya, onde se reuniam os estudiosos d'então para se entregarem a apaixonadas discussões politicas e litterarias. Foi ahi que começou a revelar os seus dotes oratorios.

Havia n'aquelle tempo em Lisboa uma aggremiação d'homens notaveis e importantes das differentes classes sociaes, que se denominava a Associação da Liga; discutiam-se os seus estatutos—[1] «Defendia Rebello da Silva, a sua opinião, que tinha sido contestada. Na sala tudo guardava silencio. De repente todos os olhos viram erguer-se um homem da sua cadeira, approximar-se insensivelmente do orador como se fôra uma sombra, e com os labios meio abertos, e as faces palidas, estacar deante d'elle, correndo-lhe dos olhos dois fios de lagrimas.

«Não assombra que Rebello da Silva tivesse o poder d'arrastar a tal commoção pelo enthusiasmo um homem, que era seu pae, porque era o pae tambem eloquente, tambem artista da palavra, quando elle, falando, se insinuava no animo dos mais frios, tendo-os sempre suspensos do seu verbo inspirado».

1 Rodrigues Cordeiro. *Almanach de Lembranças de 1874.*

Diz Bulhão Pato—[1] «quando se erguia para falar todo elle era outro.

«O semblante illuminava-se-lhe com o fulgor da verdadeira inspiração. Os olhos chispavam.

«Não podia esconder o tremor dos dedos nos primeiros periodos do discurso; todavia a voz era firme, voz redonda, sonora, não demasiado extensa, nem com grande diversidade de notas, como José Estevam, mas insinuantissima.»

Entrou para a camara dos deputados em 1848, mas a sua grande estreia foi nos primeiros dias da regeneração. Ouçamos ainda Bulhão Pato: — «O poeta das *Folhas cahidas* era ministro dos estrangeiros; Rebello da Silva era opposição. Levantou-se para atacar o governo; mas, parando deante do mestre, que estava sentado no banco dos ministros, saudou primeiro o grande orador e grande poeta.

O prologo d'esse discurso é um dos pedaços mais elevados, mais brilhantes, mais bellos da eloquencia portugueza! Infelizmente não restam d'elle mais do que umas notas mutiladas no *Diario do Governo*.

Em 1869 estava na camara dos pares, onde proferiu talvez os seus mais energicos e inspirados discursos politicos.

Na sessão de 30 de julho, Rebello da Silva fez um longo e vehementissimo discurso combatendo o governo presidido pelo sr. bispo de Vizeu.

[1] *Sob os cyprestes* 1873.

A impressão foi grande na camara: poucas vezes a eloquencia de Rebello da Silva tinha assumido aquelle vigor tribunicio, e principalmente no fôro aristocratico, onde os mais desassombrados espiritos costumam sacrificar ás fórmas convencionaes.

Quasi no fim d'essa mesma sessão, a proposito de uma carta em que o famoso orador, Emilio Castelar, advogava abertamente as suas idéas sobre a união iberica, Rebello da Silva levantou-se e de improviso fez então outro discurso superior ao primeiro.

Bulhão Pato, termina assim a sua apreciação ácerca de Rebello da Silva, como orador:

«Rebello da Silva, como Emilio Castelar, quando se tornava mais colorido e imponente, era quando entrava no campo da historia. Essas luctas parlamentares violentissimas, porque só na sessão de 30 de julho de 1869 falou por duas vezes, fazendo dois longos discursos, contribuiram muito para accelerar a maldita enfermidade que, passados dois annos, o devia levar á sepultura.

«Com José Estevam e Rebello da Silva perdeu-se o padrão da verdadeira eloquencia em Portugal, e Deus sabe quando se tornará a encontrar!»

Referindo-se ao fallecimento d'este escriptor, o *Diario de Noticias* de 20 de setembro de 1871 escrevia:

«Nas lides da tribuna, onde o seu talento mais brilhantemente esplendia, correndo-lhe a palavra suavemente, sahindo-lhe viva e bem

expressa a idéa, imaginoso, correcto, decoroso, ás vezes, vehemente, e sempre tocado pela chamma do genio, quando a paixão, o capricho ou o amor da justiça offendida lhe aguilhoava o espirito e lhe exaltava a alma, conquistou um dos postos mais avançados entre os campeões da palavra.»

Toda a imprensa do paiz, sem distincção de côres politicas, apreciou, similhantemente Rebello da Silva.

Deve-se á generosa iniciativa de D. Pedro V, de honrada memoria, a creação do Curso Superiór de Lettras. Em 1859 foi convidado Rebello da Silva a reger a Cadeira de Historia Patria e Universal. Ouçamos Bulhão Pato:

«Na epocha em que fui passar uma larga temporada com Rebello da Silva, na sua casa do Valle de Santarem, preparava-se elle para abrir o Curso Superior de Lettras. Era uma tentativa audaz em Portugal, onde os estudos d'essa ordem de cousas andavam tão descurados.

«Rebello, na vastidão e flexibilidade do seu engenho, ao passo que tractava de trabalhos de outro genero, como membro do conselho de instrucção publica, gisava as primeiras lições do curso, procurando nos livros mais notaveis o ouro da boa critica e da alta hermeneutica.

«Quando appareceu pela primeira vez na Cathedra, o salão transbordava com quanto havia de notavel em Lisboa.

«Todos accudiam a ouvir aquelle admiravel orador.

«A fama que havia alcançado na tribuna politica não a perdeu n'aquelle fôro de lettras.

«A eloquencia de Rebello, nas lições do curso, tinha grande analogia com a de Emilio Castelar nas conferencias do Atheneu. Imaginação viva, colorido forte, grandes quadros, scenas deslumbrantes.

«O principe, que fundára aquelle curso, ia assistir ás conferencias.

«A physionomia serena e formosa ora se cobria de nuvens, segundo a historia, nos seus variados lances, apresentava os dias ridentes das grandes idéas, que tem sido a Paschoa florente da humanidade, ou os momentos tremendos em que os povos, oppressos durante seculos pelo braço da tyrannia, sacodem as cadeias, e no furor da sua justa vindicta baptisam com o sangue o advento dos grandes principios.

«Rebello era imparcial, desassombrado e largo na apreciação das paginas da historia, que ia illuminando de improviso.

«Conheço hoje por ahi alguns republicanos, muito democratas e sociaes, que não teriam alma de dizer, deante d'uma testa coroada, metade do que Rebello da Silva disse muita vez, e com a maior anchura, na presença do sr. D. Pedro V.

«Não escreveu nenhuma das suas conferencias. Promettia-me sempre que no dia se-

guinte reconstruiria o discurso, mas nunca o fazia.

«Foi pena!

«As licções eram delineadas, ás vezes, á ultima hora.

«A mais inspirada foi a descripção do martyrio de Felicidade Perpetua, no Circo Romano.

«Esplendissimo quadro! Arrebatou a quantos o ouviram, e estavam presentes muitas e das primeiras intelligencias de Portugal.

«Aquella grande actividade de trabalho, as luctas da imprensa, e principalmente da tribuna, não eram para a sua compleição fraca. Muitas vezes, depois d'uma conversação animada, offegava cansado, e, levando a mão ao coração, dizia com um sorriso melancholico:

— «A minha morte está aqui.»

«Isto passava como uma nuvem fugitiva. Acudia logo o bom humor, e a phantasia começava a debuxar na téla do futuro os paineis mais risonhos.»

Como academico, critico litterario e philologo, escreveu o *Elogio historico de Sua Magestade El-Rei o Sr. D. Pedro V,* proferido na sessão solemne da Academia, de 26 d'abril de 1863. No mesmo anno publica (em hespanhol e portuguez), a *Memoria sobre a vida politica e litteraria de D. Francisco Martinez de la Rosa*, um dos mais illustres homens de Hespanha — poeta, historiador e publicista.

Durante 20 annos, nos periodicos littera-

rios e politicos de maior nomeada, escreveu innumeros artigos de critica litteraria, publicando um formoso trabalho — a *Memoria biographico-litteraria ácerca de Manuel Maria Barbosa de Bocage,* para illustrar a nova edição das poesias d'este auctor

Pela mesma epocha, uns curiosos estudos sobre a Arcadia, e tres dos seus membros mais distinctos — Pedro Antonio Corrêa Garção, Domingos dos Reis Quita e Antonio Diniz da Cruz e Silva.

Rodrigues Cordeiro, ácerca d'estes estudos diz: — «Não sendo poeta, ninguem melhor do que elle julgava as escholas, ou differençava em poesia o bom do mau, para lhe notar bellezas ou defeitos, e dar a cada auctor o quinhão que lhe cabe, avaliando-os em toda a altura da critica.»

Depois de haver publicado os seus primeiros trabalhos ácerca da historia de Portugal, dedicou-se aos estudos economicos e em 1868 publica a 1.ª parte da *Memoria sobre a população e agricultura de Portugal,* n'um volume de 385 paginas em 8.º grande, que descreve à vida economica da sociedade portugueza desde 1097 até 1640, trabalho de alto valor pelo grande numero de factos que relata, com respeito, ao modo de viver da sociedade portugueza, á organização da propriedade, onus que a sobrecarregava, circumstancias que prejudicavam a agricultura, contrariando-lhe o desenvolvimento, preço dos generos agricolas, sua evolução, etc.

Este livro deve ser considerado como um annexo á *Historia de Portugal*, por elle escripta, porque completa uma lacuna — no que diz respeito á vida economica dos povos.

Poucos annos depois, publica os *Compendios de Economia Politica, Industrial* e *Rural*, em tres volumes para uso das escolas populares creadas pela lei de 7 de junho de 1866. O *Compendio de Economia Rural* é notavel pelo methodo, clareza e laconismo, sendo curiosas as referencias ácerca do paiz, concluindo por um trabalho estatistico em fórma de notas ao texto, que foi o mais valioso e completo até então publicado no paiz.

A politica havia seduzido Rebello da Silva, arrastando-o ás pugnas da imprensa, e nas paginas dos jornaes *A Carta, A Discussão, A Patria, A imprensa e Lei*, e outros periodicos, estampou varios artigos de polemica, mas resentindo-se dos desmandos das paixões d'aquella epocha, o que lhe creou irreconciliaveis inimigos.

Em 1857 foi proprietario da typographia Universal com Ribeiro de Sá, dirigindo-a Thomaz Quintino Antunes, um dos fundadores do *Diario de Noticias*.

Depois de ter batalhado longos annos na politica, seguindo com inconstancia um ou outro partido, não lhe permittindo o seu temperamento a sujeição da disciplina, só pouco tempo antes de morrer, é que foi chamado aos Conselhos da corôa, exercendo com gran-

de distincção o logar de ministro da marinha, desde 11 d'agosto de 1869 até 20 de maio de 1870. Em tão curto espaço de tempo nenhum ministro produziu tanto nem melhor.

Na gerencia da pasta da marinha, revelou as suas intenções rectas, aturado estudo, provada competencia e préstou relevantes serviços á patria.

Os seus relatorios são um modêlo no seu genero, e, durante pouco mais de oito mezes de trabalho, com a saude exhausta e pairando em volta d'elle as sombras da morte, a sua obra resume-se no seguinte:

Estabeleceu d'um modo justo e preciso a duração que devem ter as diversas estações navaes, segundo a salubridade dos climas e as circumstancias locaes; simplificou a forma do expediente dos serviços do ministerio da marinha e ultramar, regulando as attribuições dos chefes e impondo a cada um a responsabilidade que lhe pertence; accudiu ás necessidades do serviço da armada chamando 557 recrutas, fixando o numero dos que deveriam ser fornecidos por cada um dos departamentos e districtos maritimos do reino; creou o commando geral da armada, dando-lhe mais modestas attribuições do que tinha a antiga majoria general, separando os assumptos disciplinares e do pessoal, dos negocios do material e das fabricas da marinha, como se havia experimentalmente verificado ser indispensavel, e em harmonia com o systema completo das reformas da secretaria de estado, do

arsenal e das intendencias de marinha, que tambem decretou, realizando em todas grande economia, e conseguindo fazer profundos melhoramentos; instituiu o conselho de administração de marinha de maneira tão proficua para a fazenda publica, que se notaram logo, desde a sua execução, notaveis vantagens alcançadas nos preços dos fornecimentos e qualidades dos generos, a ponto de que baixou de preço a ração de bordo tendo melhorado em qualidade.

Reorganizou os corpos dos officiaes de fazenda da armada e dos machinistas navaes; harmonizou convenientemente, por meio de varias modificações, os serviços de saude naval e do ultramar, bem como os que se referem á admissão, promoção, e vencimento dos aspirantes a facultativos; melhorou a lei e regulamento geral das promoções na armada; decretou os regulamentos necessarios para plena e cabal execução de todas as refórmas que effectuou; providenciou ácerca das pharmacias da India; isemptou do pagamento de quaesquer direitos os compradores de navios estrangeiros, para serem embandeirados em portuguezes, protegendo assim a navegação e o commercio nacionaes; decretou novas e melhores pautas para os pagamentos de direitos nas alfandegas de Moçambique, da India, Ambriz, Timor, S. Thomé e Principe, declarando *portos-francos* os de Bissau e Cacheu, na Guiné; fez uma nova divisão judicial das comarcas do Ultramar e regulou as transfe-

rencias e aposentações dos juizes de direito, e dos agentes do ministerio publico; mandou applicar o codigo civil ás provincias ultramarinas, com as modificações exigidas pelas circumstancias locaes de cada uma d'ellas; regulou a fórma dos concursos para os magistrados do minitierio publico e judiciaes do ultramar; reformou a administração publica; organizou systematicamente a administração do ensino; reorganizou os serviços militares e de obras publicas; ordenou o estabelecimento de colonias penaes no ultramar; regulou os termos e condições em que se deve conceder a pesquiza e a lavra de minas no ultramar; substituiu, por outros, alguns impostos, com vantagem da fazenda e dos povos; regulou os vencimentos fixos e os emolumentos dos funccionarios das diversas categorias, etc.

O leitor consciencioso que diga se taes reformas não valem mais alguma cousa do que portarias de simples expediente e decretos de nomeações de afilhados e de protegidos para logares pingues e rendosos, referendados por tantos ministros, que—*serviram com zêlo, intelligencia e a contento do monarcha!*

Este dedicado servidor do Estado, quando já em lucta com a morte, foi expulso dos bancos do poder por um revolucionario sem escrupulos; lavraram-lhe o decreto de demissão,—que o rei (antigo official de marinha, assignou), negando-lhe o testemunho official de ter servido a contento de quem representava o paiz!

Extranha e pouco vulgar mesquinhez de caracter em homens que cingem a espada e a proverbial ingratidão dos reis para quem os serve leal e dedicadamente.

No dia seguinte ao do enterro d'este homem, que durante toda a vida trabalhou a favor do prestigio da realeza, escrevia o jornal—o *Commercio do Porto*—«*Nem El-Rei D. Luiz, nem o senhor D. Fernando* foram representados no funeral.»

«De certo, que essa falta que não passou despercebida, se *explicará* por S. S. M. M. não terem tido noticia do triste successo, por se acharem fóra de Lisboa».

Para concluirmos, digamos alguma cousa —*do homem no recêsso da familia.*

Rebello da Silva sabia ser amigo dos seus amigos. Por muitos annos, aos domingos, (diz Rodrigues Cordeiro), vel-os em volta de si á mêza do jantar—*jantar á portugueza*, era prazer que não trocava facilmente por outros.

—«[1] Todas as quartas feiras Rebello da Silva recebia a jantar os seus amigos intimos, A. Herculano, Rodrigues Cordeiro, Lopes de Mendonça, Lima Felner, F. Maria Bordallo, e eu.

«Até ao café appareciam ordinariamente Oliveira Marreca, Latino Coelho, Andrade Côrvo.

«A meza franca, excellente e abundantissima.

[1] *Sob os Cyprestes*, Bulhão Pato.

«O maior agasalhado, a mais affectiva lhaneza nos donos da casa.

«Rebello, diga-se a verdade, na torrente esmaltada e luminosa da palavra não tinha quem o egualasse...

«Davam-se n'elle puerilidades incriveis. Uma das suas manias era julgar-se insigne atirador á pistola e á fréchá.

«Possuia para isso duas grandes condições: ser extremamente tremulo, e ter a vista curtissima! Mas, a sua imaginação era tal que se figurava rival vencedor d'aquelle frecheiro, que matou Ricardo, Coração de Leão, e, por um excesso de modestia, dava o segundo logar, na pistola, ao marquez de Niza.

«Podiam fazer-lhe quantos reparos quizessem a proposito das suas obras litterarias. Era de uma docilidade extrema, mas, em se lhe negando a destreza na pistola e na frecha, enfurecia-se.

«O homem é um paradoxo!

«Outras excentricidades havia n'elle tambem; mas essas provavam a sua grande alma!

«Fumava pessimos charutos, e tinha em casa os mais puros havanos, que offerecia, ás mãos cheias, aos amigos. Deixava, ás vezes, de comprar um objecto insignificante em que tinha apetite, e, em secreto, valia a muita gente, chegando a acudir com contos de réis a um amigo, a quem os desgarrões da má fortuna haviam collocado em apertadissimo lance.

«Nunca d'aquella bôcca saiu um gabo das suas nobres acções!

«Quando as faculdades lhe chegaram ao maximo gráu de perfeição com a edade e a experiencia, os symptomas da enfermidade fatal começaram a apparecer.

«E' singular e parece providencial! Principiou a attribuir a phenomenos nervosos o que julgava, quando os rebates eram muito pequenos, como uma lesão organica!».

Eis aqui em poucas e mal alinhavadas paginas o que foi este homem illustre cuja obra litteraria vamos começar a dar a publico.

*

Feita assim em rapidos traços a resumida biographia do illustre escriptor que se chamou Luiz Augusto Rebello da Silva, cumpre-nos apresentar o plano, a que obedece à edição das suas obras que vamos emprehender.

E' vasta a obra do notabilissimo homem de lettras; mas anda ella tão disseminada em jornaes, revistas, opusculos, etc., que se torna quasi impossivel dar das suas producções uma nota completa, pois que não ha um guia seguro para nos conduzirmos no dédalo das publicações da epocha em que elle mais ou menos collaborou.

Innocencio F. da Silva, nos volumes V e XIII do seu inexcedivel *Diccionario Bibliographico* dá-nos uma resenha d'essas obras, mas tão desegual e tão incompleta, que é dif-

ficil, por esse guia, que aliás costuma ser tão seguro, fazer obra perfeita.

O sr. Rebello da Silva, filho illustre de tão illustre escriptor, homem intelligentissimo versado em tantas materias litterarias e scientificas, professor distincto do Instituto de Agronomia, e digno par do reino, a quem pedimos que tomasse a seu cargo a direcção litteraria d'esta nossa edição, excusou-se a esse tão honroso como fatigante trabalho; para isso deu razões tanto quanto possivel attendiveis, pois que os afazeres da sua vida afanosa lhe não permittem dedicar-se a um trabalho que elle proprio consideraria gratissimo fazer.

Em vista, pois, do que fica dito, fômos forçados, apezar da nossa incompetencia, a organizar um plano, que submettemos ao juizo do publico, certos de que nos desculparão o arrojo, se elle não conseguir satisfazer os gostos de todos os paladares, o que se nos afigura difficultosissimo.

PLANO GERAL DA EDIÇÃO POPULAR

DAS

OBRAS COMPLETAS DE LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA

PUBLICADAS PELA

EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL

I — ROMANCES e NOVELLAS:

Ráusso por homizio
Odio velho não cança
Mocidade de D. João V
Lagrimas e thesouros
Casa dos phantasmas
De noite todos os gatos são pardos
Contos e lendas, comprehendendo: *Introducção — A torre de Caim — Castello de Almourol — Camisa de noivado* (publicado anteriormente sob o titulo de *Uma aventura de D. Pedro) — Ultima corrida de touros em Salvaterra — Tomada de Ceuta — Pena de Talião.*

II — THEATRO:

Othello ou o Mouro de Veneza
Infante Santo (incompleto)

III — ESTUDOS CRITICOS E LITTERARIOS:

Introducção ás «Viagens de Beckford em Portugal»
A Arcadia Portugueza

Poetas da Arcadia:
1.º *Garção*
2.º *Quita*
3.º *Antonio Diniz*
Memoria biographica ácerca de Bocage.
A Escola Moderna litteraria — O sr. Garrett
Oradores Portuguezes: Almeida Garrett
Juizo critico sobre o «Frei Luiz de Souza», de Garrett
Alexandre Herculano
Juizo critico sobre o «Monge de Cistér»
Poetas lyricos: Mendes Leal
Memorias de Litteratura, de Lopes de Mendonça
Raymundo Bulhão Pato
Francisco Maria Bordallo
Camillo Castello Branco
Francisco Gomes de Amorim
D. Francisco Martinez de la Rosa

IV — ESCRIPTOS RELIGIOSOS:

Fastos da Egreja

V — ESCRIPTOS de POLEMICA:

Cartas ao sr. Ministro da Justiça
Duque de Saldanha
Cartas de um aldeão

VI — ESTUDOS de PEDAGOGIA:

Compendio de Economia politica

Compendio de Economia commercial e industrial
Compendio de Economia rural

VII — Elogios biographicos:

Infante D. Henrique
Diogo de Mendonça Corte Real
Duque de Palmella
Fernandes Thomaz
Mousinho da Silveira
José da Silva Carvalho
José Estevam
Passos Manuel
D. Pedro V
D. Luiz I

VIII — Discursos:

Discursos parlamentares

IX — Estudos historicos:

Memoria sobre a população de Portugal
D. João II e a Nobreza
Mosteiro da Batalha
Torre de Belem
Quadro elementar das Relações diplomaticas
Relatorios do Ministro e secretario de estado dos Negocios da Marinha (L. A. R. da Silva)
Historia de Portugal

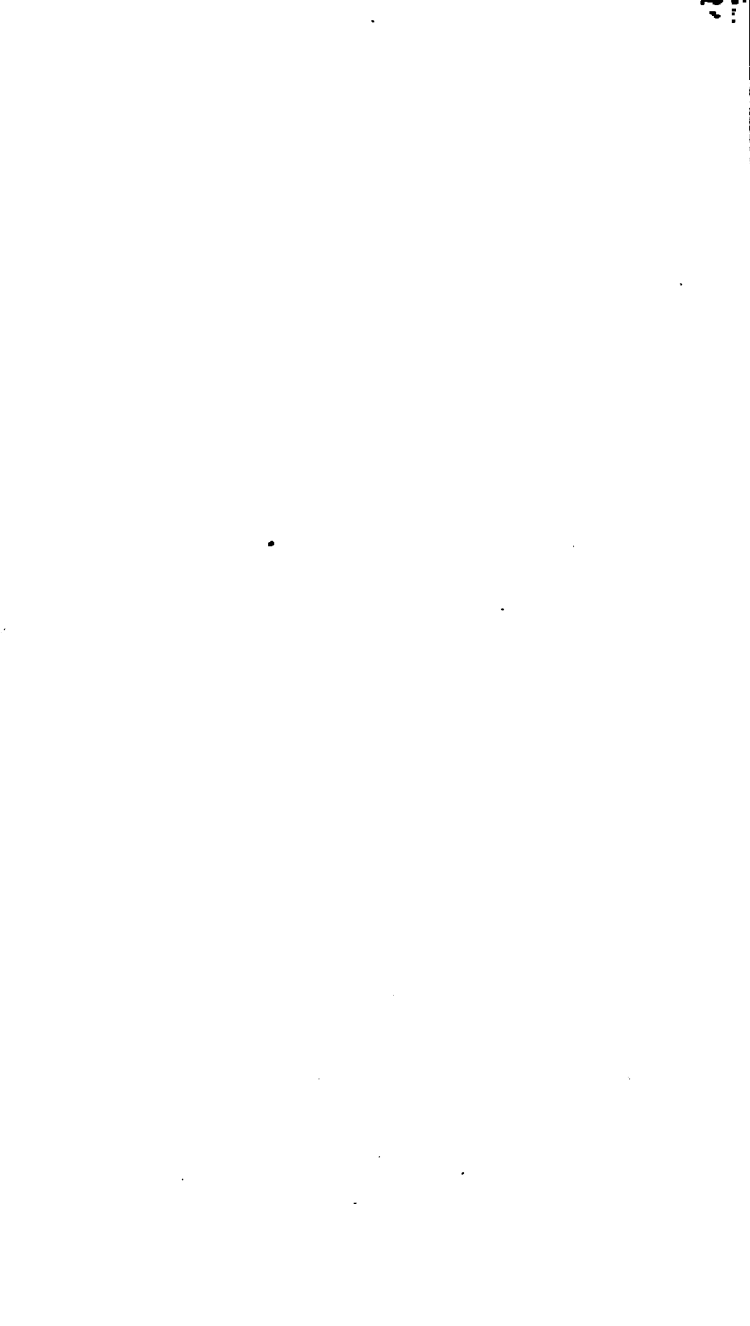
X — Escriptos diversos:

O que apparecer disperso depois do que fica descripto.

Este será o plano que os assignantes e compradores dos volumes d'esta nossa edição terão em vista para a collecciona̧ção d'ellas; porque a fórma de publicação que vamos darlhes não será esta, pois que o que agrada a certos leitores desagrada a outros, e obrigando a edição a esta ordem de publicação, os leitores que porventura apreciassem os estudos historicos de Rebello da Silva de preferencia a qualquer outro genero litterario d'este auctor, só tarde, muito tarde, poderiam saborear os fructos opimos do escriptor n'esta secção da sua actividade litteraria; assim publicaremos alternadamente um volume de romance, outro de theatro, um terceiro de estudos criticos, e assim successivamente, contentando nós d'este modo o paladar litterario de cada um dos leitores das obras do grande Rebello da Silva.

Publicadas que sejam as obras d'este brilhante escriptor do seculo XIX, tencionamos encetar a publicação de obras completas de outros vultos de nomeada da nossa galeria litteraria, sentindo bastante que razões absolutamente estranhas á nossa vontade nos não permittam, como seria nosso desejo, vulgarizar em edições elegantes e economicas, como são estas, toda a bella litteratura portugueza d'aquelle seculo.

OS EDITORES.

RÁUSSO POR HOMIZÍO

NOTA BIBLIOGRAPHICA

PARA melhor comprehensão do sentido e intuitos do romance que vae lêr-se, recommendamos aos nossos leitores a consulta do *Elucidario* de Viterbo, nos termos *Rauso Ráusso* e *Homizío;* não sendo nosso intento dar n'esta ligeira nota mais do que simples indicações bibliographicas, limitamo-nos a dizer que esta producção, uma das primeiras do grande estylista, é agora publicada em volume pela primeira vez; pois que, até hoje, apenas foi impressa uma vez e esta n'um periodico litterario de grande nomeada, a *Revista Universal Lisbonense,* dos annos de 1842 e 1843, isto é, quando o auctor contava pouco mais de 20 annos.

Diz Andrade Ferreira a proposito: «Em 1839 cursou (Rebello da Silva) a Universidade de Coimbra, aonde se demorou menos de dois annos, estudando o primeiro anno mathematico e philosophico, e primando n'elle a mais decidida repugnancia pelas sciencias exactas, e mais ainda, pode ser, pela disciplina das aulas regulada pela corda do sino.

Uma grave enfermidade de peito, que o tev
proximo da sepultura, obrigou-o a recolher-
se em 1841 a Lisboa, e a suspender toda
applicação. Quando as forças lh'o consenti-
ram, tornou a dedicar-se com fervor ás let-
tras e escreveu na *Revista Universal* um ro-
mance, já de bastante valor, *Rausso por Ho-
mizio*, devendo muito, para se abalançar e
tentar o genero, ao seu amigo A. Herculano,
cuja amisade adquiriu n'aquella epocha....»

A direção d'aquella notavel *Revista* tanto
reconhecia o alto valor litterario de Rebello
da Silva em tão verdes annos, que não teve
duvida em precedêl-o das lisongeiras palavras
que em seguida transcrevemos, fechando as-
sim a presente nota:

«Encetâmos hoje a publicação do *Ráusso por
Homizio*, romance, peregrino pela invenção,
pela profundez de estudos archeologicos, pelo
cabal e primo da execução poetica, pela pu-
reza e opulencia da linguagem.—Damol-o
sem alteração de uma virgula, e qual saíu da
pena do seu auctor:—que seria sacrilegio to-
car, nem de leve, nas primicias que á sua Pa-
tria offerece um tal espirito—! quem n'o acre-
ditaria!—¡ de vinte annos!»

RÁUSSO POR HOMIZÍO

I

Homizío

Em 1245 levantava o monte, agora êrmo e esquecido de Algoço, a cabeça torreada sobre o despenhadeiro, que descaíndo arremessado para o sul, fallece quasi ás margens do Angueira.—Debruçado para o precipicio medonho, no vulto descommunal representava o velho alcacere, aguia gigante, abrigando á sombra das azas de granito a povoação, que, pendurando-se do outro lado, pelo íngreme da encosta, ajunctava a base nas raizes do monte, mas encolhida, enfeixada, e como receosa de se alastrar pelo valle, onde hoje alvejam as moradas da nova villa.—E' que, imagem dos seculos de ferro da meia edade, encostava-se ao Castello, como o peão á lança do Rico-homem.

Ao collocar nas alturas aquellas muralhas de grossa cantaria, aquellas torres quadran-

gulares e macissas, crêu o architecto arabe fadar-lhes eternidade.—Pela mente lhe adejou, talvez, um pensamento de orgulho, ao imaginar, no ardor de uma crença fervorosa, que, similhante á vaga encapellada, batendo em alcantís marinhos, havia a hoste dos nazarenos de ressaltar, e quebrar-se só ao pulsar-lhe os limites: e todavia annos depois, na face torva do Castello, escreveram Portuguezes com a espada uma palavra, que, apoz o largo combater de seculos, estamparam tambem, como ferrete de servidão affrontosa, na frente da altiva e linda perola do Islam—nos pannos dos muros vencidos de Ceuta, a descrida.

Destroncado e caído ao desamparo o herdou o passado seculo; já então muitas pedras, desengastadas da sua corôa d'ameias, se vestiam em assentos arrelvados pelo pendor da encosta. O resto, enredado de heras, involto em manto de musgo, matisado de florinhas agrestes, signalará porventura—o sitio, onde, como moribundo decrepito, aguarda que o tempo, similhante a Djinn, enorme no perpassar rapido, o desabe a terra.

Por uma tarde humida e mal assombrada dos fins de novembro, dos eirados das atalaias espraiavam os vigias a vista pelos cabeços bravos coroados de pinheiros tristes, pelos soutos, estevaes, e por toda a larga campina, onde a espaços resaía o vulto branqueado dos casaes e aldêas; panorama, que se desdobrava como alcatifa de rico lavôr, até se embeber ao longe nas serranías circumstantes. No fun-

do valle ao sopé do monte estrepitava o Angueira, trasbordando o leito com as aguas caudaes do inverno; ao largo alteavam-se em horisonte alongado na fronteira Castella as serras de Seabra, recortando os topes pardo-escuros no chão cinzento do céu; desenroscando-se das quebradas dos cêrros o nevoeiro, manso e manso, trepava, e como véo alvacento de odalisca formosa ondeava meneado pelo sopro do vento.—Para o poente, o sol, por cuja face volteavam ligeiras as nuvens, parecia dormitar aprumado sobre o viso das montanhas de Nogueira, em throno de púrpura orlada de oiro, e os seus raios, refrangidos em um céu pardo, repercutiam embaciados e fugitivos nos cascos e largos ferros das lanças dos esculcas[1].

De subito contra o sul, e juncto ao logarejo onde se erguia uma recém-fundada ermidinha, deram rebate os vigias de dois homens, que vinham apertando o passo caminho do Castello: ao acercarem-se, viram dois frades da nova ordem de S. Domingos: perguntados a que vinham —respondêra um já de edade grave:—«Que o padre Fr. Gil com seu barbato era alli a requerer do Alcaide acolheita por aquella noite, e uma pobre enxerga, em que o corpo se repousasse do trabalho da jornada».

Emquanto os dois aguardam fóra da barba-

[1] Sobre a villa e Castello de Algoço, vide Carvalho Corogr. Port. tom. 1 º pag. 482 (mihi) Cardoso. *Diccion. Geogr.*

can o despacho da sua petição, é mister que atemos o fio espedaçado de tempos, que já lá vão sumidos nas trévas do passado, para o leitor n'um relancear de olhos travar mais íntimo conhecimento com os personagens d'esta mui veridica historia.

Já n'este anno de 1243, pela face torvada do reino, volteavam, ennovelladas nas azas do tufão, as procellas politicas, que no seu embater medonho quebraram um throno, e arremessaram para longe, como folha despegada do ramo, um rei, debil e voluvel sim, mas innegavelmente bom, esforçado e generoso.

D. Sancho II, que, nas pelêjas e em muitas outras coisas, foi tão rei e tão cavalleiro como todos os que o haviam precedido — perdeu-se pelo amor:— o pousar a lança e trocar pelas gallas de cortezão a sua boa armadura de campeador, para se reclinar nos braços de uma mulher, trascurando deveres, e cerrando a tudo os ouvidos, era á luz de um seculo fanatico e guerreiro o maximo opprobrio da corôa. De feito a paixão cega e insensata em que ardia pela nobre dona e mui excellente Senhora D. Mecia Lopes de Haro, como a nomeavam os mais aprimorados, que d'ella tinham, ou fiavam ter, mercês e terras, ratraíra o monarcha do commercio dos Ricos-homens e o sugeitava ás censuras do clero, que apregoava este casamento como contrario á disciplina da egreja, pela razão de parentesco, que entre os dois havia. — O povo, esse, desarrazoado e irreflectido sempre, desaffogava a sua

má vontade, regalando a rainha com o nome de feiticeira, que só feitiços e ligamentos cuidava aquella boa gente, que valiam a arredar o rei das lides do governo do seu povo, apertando o laço que o ligava a D. Mecia.

Afóra este motivo de religião, assim travado com o inteiro esquecimento das tradições guerreiras da épocha, outros de não menor vulto e para temer revolviam os animos. —Os dois maximos elementos da civilização da meia edade, o sacerdote e o soldado, que tão trabalhada e escabrosa tornaram a vida de seu pae, cobrando novos alentos da indole mansa e irresoluto animo do rei, lançavam-se atropelladamente pela estrada das usurpações, desfazendo debaixo dos pés os pequenos e mesquinhos, e floreando um a adaga, e o outro o pendão de Roma, no extender dos braços descerravam de todo o véu, apontando abertamente ao alvo da sua ambição, ao predominio dos respectivos interesses.

Para arrostar com elles, forçando-os a refugir para os seus ambitos, e estremando, quanto então consentia o incompleto da administração geral, as raias das diversas classes, tão retalhadas pela desunião legalizada nos foraes e costumes, era mister que com o sceptro do pae houvesse D. Sancho herdado a sua vontade tenaz, e robusta intelligencia.—Que o pensamento, ou, para melhor dizer, o instincto que ressumbra de seu reinado, como um vislumbrar da unidade monarchica, o rastreasse elle ao menos.

Mas similhante ao prisma, que, sem ter nenhuma, reflecte todas as côres do iris, vagueava de parecer em parecer pará se encostar sempre ao ultimo e peior; a valídos tredos e aborrecidos por maleficios confiava o regimento da terra; as vinganças e homicidios gerando-se das paixões férvidas e tumultuosas do seculo, dos odios, que um dia encanecia e arreigava para sempre no peito, até ante os cancellos do throno, vinham rugir e pelejar-se, e elle por montarias e saráus, a colher sorrisos nos labios de D. Mecia. O descontentamento dos populares oppressos, do clero escarnecido e entrado de ruina e affrontas, e a inimisade dos fidalgos a crescer, a accumular-se, e a trasbordar, e elle como aturdido ou tomado de subito turpor, jazia ás orlas da cratéra, que de longe incendiam seu irmão D. Affonso conde de Bolonha, e seu tio D. Pedro conde de Urgel, alimentando parcialidades, que o seu renome enraizava no sólo, e que íam invadindo e enredando insensivelmente boa porção do reino. E' que Deus tinha contado os dias do seu reinado, e pela mão de uma mulher o guiava ao eterno repousar das lides e bulicio do mundo, que para elle fôra exilio escabroso aquelle throno, atormentado das tempestades da terra, aos pés do qual se revolvia agitado pelo vento de Deus o vulto indelineavel, immenso, e ferocissimo, chamado povo.

Dois mezes antes da épocha, em que demos comêço a esta historia, um feito covarde e

réfece de certos cavalleiros da côrte era o pasto saboroso de todas as praticas.—Para vingarem, segundo corria, o homizío de um parente, que Martim Viegas Portocarrero, fidalgo velho e auctorizado do Minho, em recontro que tivera dois annos atraz, matára á espada, o haviam assaltado ém seus paços, e assassinado cruamente com todos os serviçaes e solarengos que acudiram; ermando-lhe casaes e herdades, decepando arvores, e roubando e incendiando o resto.—Porém a versão do caso, como andava pelo povo, não a acceitavam os atilados phisiologistas da meia edade, que se prezavam de subtís em averiguar enredos, e traduzir sorrisos de cortezãos; ao contrario, tomando a mão em todas as conversações, affirmavam—«que isto padecêra por seus peccados o bom cavalleiro, e por algumas razões, que passára com o senhor rei na ultima vez que fôra chamado á curia, sobre seu casamento com D. Mecia, estranhandolhe em termos mais rudes e desabridos, do que a sisudeza pedia, aquella paixão má, que sobre ensurdecel-o ás lastimas do seu povo, até a consciencia lhe embotava, tractando mulher tão sua parenta com grave offensa de Deus e do senhor Papa, e indo por deante em suas falas affrontára os validos, que lá eram, jurando que confuso e abaritam [1] fosse elle,

[1] Praga esta mui usada dos antigos, que vale o mesmo que dizer—seja confundido e devorado pela terra como Datan e Abiron.

se á lança e espada não provasse o dicto aos melhores tres».—Aqui, sumindo as palavras, e como a medo, recordavam para maior certeza a vingança, que o avô do senhor rei tomára de D. Martim Fernandes [1], e subindo depois com a voz uma oitava, rematavam o arrazoado, benzendo-se e rogando a Deus, que fosse servido livrar sua senhoria das bruxarias e mais artes dos damnados acolitos de Belzebut [2].

Pela austeridade do seu viver, pelo alumiado do seu entendimento, e pela humildade e compostura do seu aspecto, se estremava o padre Fr. Gil dos outros membros de um clero rico, devasso e rude.—Tempestuosa, porém, lhe corrêra a mocidade, consumida em deleites e vicios, desvairada por uma paixão mais que nenhuma ingrata e impia—o orgulho da sciencia—paixão, que no desferir o vôo roça pelas estrellas, para até sobre o throno de Deus ir tremular o seu pendão rebelde, sêde de Tantalo, que mirra e secca o coração, e o estorce nas vigilias das noites affanosas, sem haver affecto sancto desabrochado no peito, que não murche e queime; fé pura e viva, que não definhe logo por ella, como o Archanjo

[1] Vide sobre esta vingança de D. Sancho I os documentos dos fins do seculo XII em Ribeiro *Dissert. Chron.* pag. 267.

[2] ... E geralmente se dizia que el-rei andava em poder d'ella (D. Mecia) enfeitiçado e aguo do juizo... Ruy de Pina *Chr. de D. Sancho II.*

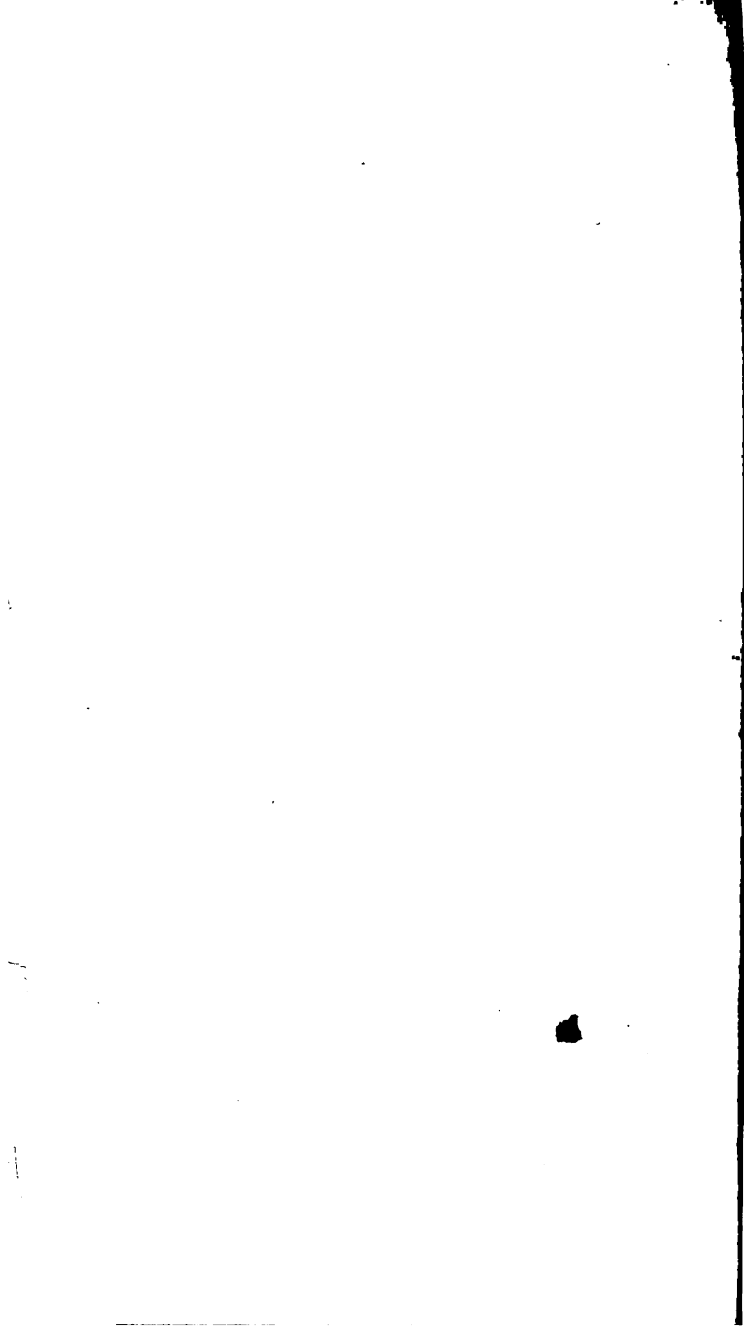
maldicto, se despenhou nas trevas do descrer, no anciar de mil agonias insoffridas, na eterna desesperação de tudo, que é a morte horrenda d'alma.

Mas a este homem, tinha Deus da sua mão para levantar a voz inspirada sobre os êrros do mundo.—Uma luz suave desceu do Empíreo a aclarar a noite tormentosa em que se revolvia, apontando-lhe o unico ádito cerrado ás tormentas da terra, o unico caminho que da visinhança do Céu colhia serenidade e consolação; remedio e esperança só o claustro lh'o podia dar. Lucta foi aquella, para até aos anjos mover inveja. Debaixo da estamenha, que amortalhava o corpo, vivia ainda o mesmo coração férvido e ardente; lá o sentia pular contra o peito no rugir das procellas da alma; quando a phantasia pelos sentidos lhe escorria a imagem dos prazeres e gosos d'essa outra vida, que já vivêra, esplendidos e encantados nas ricas vestes de oiro e rosas: tão intima e pungente o apertava esta saudade, que nem cilicios nem orações bastavam a apagar-lh'a. Os espiritos grossos e fanaticos, ouvindo-o pela callada da noite desatar em choro alto, e em brados soccorrer-se á Virgem, tinham para si, que eram visões de demonios; como se ahi houvesse mais temerosa tentação, que o vacillar de uma vontade sancta á voz do mundo, e o agonizar do pensamento no esmorecido palpitar na esperança do futuro, quando o coração descae de desalento, e o animo vibrado entre a morte e a vida d'alma, nuta, trepida,

e vae perder-se no abysmo. Agonizar este similhante ao do homem, suspenso pelas roupas sobre precipicio medonho, ao sentir vergar e gemer sob o pêso do corpo o ramo de que lhe pende a salvação.—Depois de largo combater saíu illeso da prova, e tão puro e ajustado era o seu viver, que a côrte o respeitava por suas lettras e virtude, e o povo lhe chamava sancto.

A humildade e sugeição do claustro não haviam comtudo resfriado a robusta amisade, que de largos annos o unia a Martim Viegas, e a seu filho D. Reimão, a quem como *familiar* creára no convento de Santarem, ensinando-lhe as puerís, até o despedir para na hoste do conde de Urgel aprender e praticar as boas artes de cavallaria, á sombra da lança do guerreiro, cujos feitos ajustados pelas maravilhas do Cid, espantavam o seculo. Em Compostella, aonde o chamaram negocios da ordem, se vira com elle, que se tornava a matar saudades de dois annos nos braços de pae e irmã, e a pendurar entre outros tambem signados de golpes de infieis o escudo de novel: por isso o bom do frade, ao soar-lhe a noticia do horrendo homizio, se abalára para Algoço, que era castello real, e por tal escolhido pelo moço Alcaide, como seguro abrigo, quando ao entrar na terra da patria soube que já nem pae nem irmã tinha.—Mas emquanto Fr. Gil alli aguardava a resposta embebeu-se em tristes reflexões: receava que as palavras de consolação e os brandos conselhos com que traçava

minorar-lhe a dôr, nada aproveitassem, porque no coração do mancebo estavam as paixões incisivas e violentissimas do tempo: por isso nem ousava imaginar no como rebentaria a vingança, que se via immutavel como a voz do destino, bem o sabia elle, espantosa e implacavel, provava-lh'o até a propria dilação.

O som cavo que tiravam os alçapões ferrados tombando sobre os seus apoios de pedra, e a voz cheia do velho ovençal, desejando-lhe a boa vinda o despertaram d'este triste meditar, e encommendando-se interiormente a Deus, atravessou a ponte levadiça, e sumiu-se pelo profundo portal da abobada.

II

Preço do sangue

Para a sala de honra mandou o alcaide guiar o prior Fr. Gil; logo á entrada estacou o frade de espantado; a luz que batia de chapa no semblante de D. Reimão em um momento lhe revelou a incomportavel agonia d'aquella alma.—Via, e não podia ainda acreditar o que os olhos lhe estavam mostrando; tão diverso do moço gentil e florido, que creára e amava como filho, se lhe representava o homem, que tinha alli deante. Ao contemplar as faces sumidas e desbotadas, o corpo definhado, e os labios esbranquiçados de Portocarrero; ao attentar no véu de riso convulso, que a espaços, rodeando-lhe a bocca, se espraiava pelo rosto, tão melancholico e funéreo como a sobreveste de burel pardo, que vestia, um desfallecimento, um agastamento intimo lhe apertou o coração; embotaram-se-lhe na memoria as palavras brandas, que compunha para o consolar; prendeu-se-lhe a voz na garganta,

e ficou de pé, com os braços descaídos, e os olhos cravados no parecer demudado do mancebo, similhante na immobilidade a um dos corpos de armas brunidos a pender das columnas, que sustinham as voltas ponteagudas do tecto.

E' que expressão do rosto, que outrem não soubéra adivinhar feição por feição, a estava elle traduzindo, e debaixo da apparente tranquillidade lá rastreava uma paixão má, mas funda, soberana, indestructivel; é que nos olhos, que reluziam com fulgor estranho, d'esse perenne reflexo dos mais occultos pensamentos, como denuncia do tumulto medonho, que ía lá dentro, relampeava um clarão instantaneo.

D. Reimão sorriu-lhe um sorriso triste; pousou-lhe nas mãos descarnadas e pállidas os labios crestados pela febre da desesperação, e lh'as apertou entre as suas humidas e frias como de moribundo.

Nem Fr. Gil lhe dizia nada, nem Portocarrero a elle.

Depois de largo silencio, o prior, deitando-lhe os braços á roda do pescoço, disse com as faces orvalhadas de lagrimas:

—D. Reimão, o homem põe e Deus dispõe; seja feita a sua vontade; com amarguras prova o Senhor os bons da terra, que os máus...

—Esses folgam e riem, acudiu o Alcaide com amargo sorrir, calculando ao redor do ataúde do assassino o preço vil da infamia... mas aguarda-os o castigo ¿Que val

isso? com os haveres tudo alcança o abastado... até a salvação; e de sobra os tinha o velho, que mataram... ¡demais, dirão elles, Deus é de misericordia!

—Mas é tambem a summa justiça, redarguiu o frade com fervor; a conta d'este horrendo crime a hão-de elles saldar no inferno...

—Merencorio estaes hoje dom prior, atalhou o mancebo, soltando uma risada sêcca e ironica; não é o inferno para agasalhar tão ricos cavalleiros, nem homens de tanto sangue e valia como elles são; para servos e vilões desvalidos se fez, que não estranhem, acabando cá na terra as suas penas, irem lá em cima gosar-se de eternal ventura...

—A todos se fará o julgamento segundo suas obras, replicou Fr. Gil em voz alta.

—Errado falaes, reverendo nonno, lhe tornou Portocarrero com um riso encoberto, nem esse é o sentimento dos monges, e sanctos Bispos; que mal lhes fôra o haverem logo de largar senhorios e rendas pelo breve passal de humilde egreja assentada em terra pobre, ou na corôa de serra alpestre.

O prior olhou para elle com aspecto grave e severo; pela mente lhe passou uma suspeita; disfarçou-a, e continuando na pratica:

—*Cor contrictum et humiliatum Deus non despiciet*, disse elle; para abrigar o triste peccador transviado como mãe carinhosa tem a egreja abertos os braços...

—E longos, bem longos, bradou D. Reimão,

se não mentem vozes de serviçaes: digam-n'o os do Burgo Episcopal do Porto, que andam serios como adro de egreja, pobres e mofinos como leproso aborrido... E' o que vos digo; negra que tenham a alma como o mais immundo caifaz judeu ou moiro, se fizerem prazo a Sancta Cruz de alguma vinha deliciosa nas cercanias do Mosteiro, de cinco maravedis d'além Doiro á Albergaria de Poyares, e todo ó seu cabedal fôr desbaratado pelas Sés em anniversarios, tão seguro refugio lhe alcançarão os monges e conegos com suas preces no purgatorio, como se vivessem vida aspera de hermitães na breve cella de um asceterio!...

O Alcaide suspendeu-se, advertindo nas lagrimas, que a fio manavam dos olhos do velho. Cuidava o prior que a suspeita se convertêra em realidade, e que para sempre se apagára a fé pura e fervorosa, que o mancebo tão arreigada tinha no peito; n'esta hora de mortal angustia, em que de todo lhe fenecia a esperança, chorava, como o propheta de Anathot sobre o moço, que tão cedo e logo ao desapertar serenas e doiradas as flôres da vida as vira sêccas e murchas pelo sopro ardente da procella; mas enganava-se. Postoque incerta e esmorecida, aquella luz do céu lá aclarava ainda um recanto d'alma, e as palavras contrafeitas e amargas, que lhe soavam como blasphemias, eram o faiscar do incendio abafado, que em pouco ía romper, sanguineo na côr, tremendo e tetrico.—Por um instante vacillou Porto-

carrero; depois atirou-se soluçando aos braços do frade.

—Não choreis. ¡Sou louco, mil vezes louco! Nem eu sei o que disse... desvarios d'esta lenta agonia em que se confrange a alma...¡oh! não choreis... Voto á Virgem um frontal de brocado; prometto cobrir-me de vaso e jejuar tres dias a pão e agua ¡para que se amercêe de mim!... Padre, perdoai-me estas blasphemias, perdoai-m'as, que bem dura é de levar a cruz d'amargura, ¡oh! ¡e bem agudos ferem os espinhos d'este calvario, para arrancar do peito um ai ao afflicto!

—Deus perdoará, como te eu perdôo o escandalo que lhe déste; murmurou o frade, extendendo a mão por sobre a cabeça do mancebo ajoelhado aos seus pés—ambos rogaremos á Virgem, ¡que afaste de ti as tentações e más idéias de Satanaz!... Asserena o espirito.... é pezada a tua cruz, ¡bem o sei!... Olha porém, que lá mora ao cabo da agra via a fonte de eternal consolação, a bemaventurança do justo—no mundo passa o homem, como a ave nos céus, librado pelas azas da esperança entre o Empíreo e o mar da perdição: ai d'aquelle a quem fallecerem os alentos da fé, que a esse, tragado pela vaga tenebrosa, nenhum remedio aproveitará, que tudo.... ¡tudo o tempo acaba, menos o padecer infinito do réprobo!

—¡O tempo! ¡o tempo!... murmurou Portocarrero, ¿que remedio tem elle contra estas dôres fundas e eternas, que me encaneceram

o corpo, e em um momento envelheceram o espirito, como se já vivêra seculos?—¡O tempo é para este coração atormentado de negras imaginações como a voz do louco, tentando refrear aquellas nuvens, que se desvairam pelos ares, tormentosas como os meus pensamentos, escuras e sinistras como as trevas em que se affunda esta alma!

—¡Sancto Deus! arreda essas idéas sestras; soccorre-te ao Senhor para que te haja da sua mão n'esta lucta suprema; covarde chama o mundo ao cavalleiro que em lide de infieis se retrae do pendão; réfece, mil vezes réfece, é o homem, que a trôco de um punhado de oiro renega da sua fé; mas aos olhos do Eterno mais covarde e réfece ainda seria aquelle, que até a esperança da salvação vendesse ao inferno—¡para similhante crime não haveria perdão no céu!... ¡Orações, filho!

—¿ Orar?...¡ Eu! Reverendo nonno, para rezar é mister esquecer e perdoar, e a memoria do que fui e do que me tornaram trago-a sempre viva aqui!... E apertando a cabeça com ancia entre os punhos, proseguiu com a voz truncada e sumida—sempre aqui... ¡a escaldar-me o cérebro, e a perder-me a alma!

—¿ E o senhor Deus não perdoou do alto da cruz aos seus algozes? redarguiu o prior com ar solemne;—mancebo, apontas aos umbraes da vida; olha que é duro de soffrer, pizar eternamente um sólo a revêr sangue.—¡Perdôa D. Reimão!

—¡Não posso! gritou Portocarrero, medin-

do a largos passos o aposento com uma das mãos cerrada ao peito, e mostrando com a outra o brazão d'armas do seu broquel:

—¡ Não! mil vezes não! Entre mim e elles está a deshonra e vilta de uma inteira linhagem de cavalleiros — está o cadaver do velho, que foi meu pae, cuja voz, como brado erguido do sepulchro, me restruge nos ouvidos, gritando: —¡ vinga-me! — Está todo um mar de sangue, que não bastará outro a estancar a sêde que me róe as entranhas! ¿ eu perdoar-lhe? ¡ isso nunca!

Houve então uma larga pausa, que só cortavam o sussurrar do vento pelos vãos profundos da abobada, lá por sobre os frizos, laçarias, e capiteis da sala, e o respirar alto e rápido dos homens. Nos olhos do Alcaide duas lagrimas borbulharam; mas enxugou-as logo com o revez do braço—Fr. Gil atirou-se de bruços; a testa batia nas lageas frias do pavimento, e a sua afflicção rebentou em orações fervorosas: ergueu-se passados alguns minutos, e disse:

—A teu pae, D. Reimão, devi eu quanto a um amigo póde dever outro; a ti amo... amei como filho, que foste meu na creação... pelo céu que nos vê, por teu pae que repousa em jazida ensanguentada, por tua irmã, que é...

—¿ Irmã? não a tenho já... exclamou Portocarrero com voz atroadora: — se quereis saber o como, ide á Crasta do Mosteiro proximo, que lá jazerão por ventura ainda, reclinados nos braços das soldadeiras, alguns d'es-

ses réfeces, que mui bem vol-o saberão dizer, se lh'o consentir o somno da ebridade, que dormem involtos nos coromens d'Arraz das mulheres perdidas ao som das violas e trovas dos jogretes!

—Senhor Deus Jesus, murmurou espavorido o Prior.

Então o Alcaide, com a insensibilidade contrafeita, que cobre o tumultuar das paixões na horas de fundada desesperação, lhe contou, como, depois de morto o pae, aquelles homens, para com a vilta da filha affrontarem a nobreza da sua raça, a seguiram por valles e serras com alões destrellados, ao som de trompa, pela forçarem a esposar um villão de herdade. Dois dias vagueou desatinada a pobresinha, perdida nas brenhas e selvas, voando por alcantís e espinhos, rasgada das silvas, e repassada do frio. No terceiro, ao romper d'aurora, uns vessadores, que andavam perto, viram sobre o píncaro de um rochedo a pender ao Doiro, surgir d'entre o véu vaporoso de nevoas uma figura de fórma incerta: ao acercarem-se, enxergavam-n'a a ella extendendo com um rir louco os braços para a corrente, que ía lá em baixo rápida e angustiada no seu leito de rocha viva.—Depois viram um corpo ennovellar-se, dobar pelos ares, resaltar dando nas pontas da rocha, e desvanecer-se de todo nas aguas do rio; acudiram logo, e roubaram-n'a ao sepulchro gelado, conchegadinha nas suas roupas, com o rosto mimoso tão sereno e meigo, descerrando-lhe os labios tão

inefavel e suave sorriso como se a pobre martyr, enlouquecida de tanto penar, não estivera morta, mas adormecida com a face encostada ao collo da mãe, no brando frouxel de téla de seus Paços.

Ao ouvir esta horrenda crueza, nova toda para elle, o frade para quem os gosos e delicias da terra, o esplendor e bulicio do mundo já não eram mais, que a sombra tremula e meio apagada da arvore no espelho da fonte uma saudade—uma lembrança remota; que dos outros homens só conhecia os afflictos para lhes ungir de piedade o coração com mansas falas de paz, os desvalidos e eppressos para lhes lançar no regaço o óbolo do pobre; que dos affectos, que o mundo géra só um guardava —o mais sublime—o que encerra o pensamento divino; assellado com o sangue do justo, no tremendo sacrificio do Golgotha, sentiu passar rapido, adejar-lhe pelo espirito um como ancear de vingança; mas só adejou, que veiu logo a memoria recordar-lhe o augusto da sua missão, e um movimento de orgulho sancto, como voz do íntimo, lhe segredou ao coração, que nenhuma victoria sobrelevaria a esta, se a efficacia da sua doutrina valesse a arrancar ao desespero aquelle sem-ventura.

Houve outro largo silencio, durante o qual o Prior orava de joelhos sobre as lages, não pelo seraphim que accrescêra ao throno de Deus, virgem no coração e até no pensamento, mas por si, que peccára pedindo sangue,

e pelo irmão que alli via prestes a sumir-se no abysmo do descrêr. Portocarrero, que no começo olhava para elle sem pestanejar, doeu-se da afflicção do velho; pelas faces immoveis corriam-lhe as lagrimas em fio —eram as primeiras!

Fr. Gil levantou-se e com voz debil e affogada em chôro, disse, levando-o nos braços:

—Do senhor é vingança, meu filho; pequei, pedindo-a aos homens; mas socega, que do sangue innocente te fará justiça o rei D. Sancho...

—¡Justiça de D. Sancho! acudiu D. Reimão com ar carregado, ¡ o mesmo fôra descobrir entre as malhas d'aço d'aquella couraça de Milão, a que puliu e soldou o armeiro Pero Britador, que apontar entre os cortezãos da côrte um que seja bom e leal!... Ir eu, neto e filho de cavalleiros, ¡ rojar-me com a face no pó ante os degráus do throno! para D. Mecia, com uma caricia, com um sorriso brando apagar logo o pranto com que lhe orvalhasse os pés; para me elle perguntar talvez a quantos centos de soldos, ¿ a quantos maravedís monto o preço do homizío?—Outra será a justiça... justiça da espada...

Callou-se de subito, tomado de repentino meditar; faiscaram-lhe os olhos, e um sorriso ambiguo lhe sulcou o rosto como um raio de alegria, que rompia a triste immobilidade da dôr:

—Dom Prior, bradou elle, afferrando-o pelo braço, ¿como é que os Ricos-homens e bispos

ingrezes alcançaram, contam-se hoje trinta e dois annos, ¿ o que elles chamam *Magna carta?*

O frade abria a bocca para responder, quando um ruido estranho, que vinha da corredoira proxima, como de vozes que altercavam, lhe atalhou a fala: —d'ahi a pouco escancarou-se a porta, e na atalaya do Castello soou duas vezes a trombeta do rebate.

III

Açor por Varas

— Coisa de tres tiros de bésta para lá da ermida... dois cavalleiros moços, e obra de doze homens d'armas...

— E sobre tomarem o açor por força, dizêdes vós que a sua mercê requestam e réptam para em lide se matar com elles...

— A todo o transe e sem misericordia; seria peccado havel-a, D. Reimão, com taes ladrões, que nem ás aves perdoam; dôr de reiras o consuma, ¡e aos cascaveis de Galaôr!—sem elles nunca deram comnosco.

— Quem a toda a caça se lança, nenhuma alcança; já vos tornaveis com o açor em punho...

— ¡Se o milhano não passa!... sempre tinha de ser; antes os damnados dentes da vossa matilha, Martim Lebreu, me desfizessem sáio e capa com serem de panno de Ipre verde, de onze soldos brancos o covado.

— ¡Sim, sim! manhoso vos dizem, Pero Voa-

dor, e nem só *lavado* para os falcões trazêdes na bolsa... que já alguem a viu forrada de bons maravedís de prata... mas enxugade-me uma vez de vinho e haverêdes quebra n'esse cuidado...

—¡Quebra n'este cuidado! escolhêde-o de cincoenta entre falcões, nebrís e girifaltes todos primas, e dizêde vós Martim Lebreu...

—Que não me descose isso a mim o sáio, nem me aquenta, nem me arrefenta: olhade, Pero Voador, quanto menos d'essas mofinas aves por cá andarem, melhor: lá vos avinhades como quizerdes—¡ainda se fôra o meu bom alão *Bravor!*—Bem certo fala o rifão: «quem corre á lebre não se desvia para prender gamos;» ¡o que sei é que tudo vae do ensino!

Os dois personagens, entre quem se travára este dialogo, emquanto na sala de honra passava a scena, que referimos, estremavam-se por inclinações, geito e artes. — Um mandava na terra; governava o outro nas alturas; ou, o que val o mesmo, Martim Lebreu, (e não respondia á figura o sobrenome, porque mestre Lebreu era gordo como o Imperador Vitellio, e guloso como Heliogabalo) havia inteira alçada nos dominios da montaria com direito de *trélla* e *cutello* sobre a sua adúa e moços de monte, com os quaes dispendia largas horas no glorioso mister de ensinar cães e homens; —horas negras e atravessadas para os tristes, que era sugeito o nosso monteiro a uns enthusiasmos bacchicos, que paravam, ou, para melhor dizer, se inclinavam sempre para os

costados dos seus vassallos na prosáica forma de tagante, ou de alentada haste de venábulo; afóra esta leve pécha, era como de si affirmava, com *sublime persuasão*, o melhor homem do mundo.

—Nem todos eram do seu parecer.

Não doiravam estas prendas a Pero Voador, pequeno de corpo, e já de annos; sommavam todos os affectos do honrado falcoeiro no ensino e mestria de suas aves; quasi louco o tiveram com a morte do bom Martim Viegas: —não era todavia a perda do amo o que mais sentia; chorava unicamente o ter-se finado n'elle um dos apurados mestres da mui nobre caça da altaneria.

Uma duvida sobre a preeminencia das suas artes arreigára a inimisade no peito dos dois; saudavam-se, praticavam, e conviviam, mas, similhantes a sábios émulos, com sorrisos falsos, e palavras mansas cobriam a má vontade e o rancor. A palavra *ensino*, que era bordão certo de Mestre Lebreu, accendeu as iras do falcoeiro, que redarguiu enraivado:

—¡Do ensino! dois pares de falcões tenho na creação, e outros a ensaiar no vôo; vede-m'os: —nenhuns, mas que sejam os do senhor rei, se hão-de nunca assimilhar a Galaôr no remontar a prêa; que subia direito a ella sem fazer pontas a uma, nem a outra parte;—¡pois caparoeiro! d'elle dizia dois annos ha o meirinho da provincia, que por si só valia todos os que víra: e bem se podia crer aquella historia, do rei de Castella, que por este, se o al-

cançára, tinha de empenhar com o Conde Fernan-Gonçalves mais ainda, do que o reino!... ¡ensino!... E bom é o que dades aos vossos alões e sabujos, que não é para maravilhar tão gulosos e esfaimados andarem: ¡do mestre aprenderam as manhas!

—¡O'lá! dom sandeu—bradou ardendo em chólera o monteiro—¿que são todos os açores do mundo ao pé do meu *Bravor?* Rapoza ou javardo, que se levante, nunca lhe perde a peúgada, nem cervo tão prompto no vento, que não corra e trave ardido. Os vossos falcões ¡de mal peccado! já custaram dois escravos moiros, que mais cedo foram arder com o démo, affogados nos pégos e apahues, que nadavam para lhes aprazar garças... ¡gulosos os meus lebreus! Que outra coisa havia um velho tonto de resmungar, ¡se o pobre nem acerta no que vae do milhano ao falcão!

Era para Pero Voador aquella affronta a suprema injuria humana, e vibrada pelo homem, que aborrecia com as véras d'alma—entrou-lhe no peito funda como a ponta azerada de bulhão agudo.

—Más maleitas te colham a ti, e aos réfeces que me sacaram o melhor açor da terra... bem é que a perros queira tanto quem de perros vem—gritou desatinado o falcoeiro;—filho de judeu te dizem... ¡nem outro póde ser o sangue ou antes o vinho d'essas veias!

Martim Lebreu ficou primeiro petrificado de pasmo e de indignação: levou depois a mão ao punho da gomía, ou faca curva moirisca,

que lhe pendia ao lado, e soltando por entre os dentes cerrados um rugido, ía investir com mestre Pero, quando lhe atalhou a furia uma voz cheia e sonora:

—¡Vamos, vamos! ruim contenda é essa, que ora tendes; ¡não querem vêr dois christãos a matarem-se por um triste cão¡... Enfiade-me já a gomía, mestre Lebreu, se não comigo vos haverêdes... que mais rijo entra este cutello no corpo, do que a vossa pansa nas viandas da ovençaria, com fazer lá, segundo o mordomo affirma, maior estrago que toda a vossa matilha de belzebuths...

Martim Lebreu voltou a cara com sanha; mas esmoreceram-lhe para logo os brios ao pôr os olhos no homem, que tão descortez nas palavras refreava a sua vingança. —Era o armeiro Pero Britador, a melhor espada peã d'aquelle tempo. Não foi todavia de bom grado, que aprazou para mais tarde o soldar a conta: comparou porém a sua estatura quasi espherica, roliça, e curta com a do robusto e espadaúdo armeiro; calculou mentalmente o cubo do seu vigor e esforço, junctou-lhe o cutello e o punhal do contrario, e acabou por embainhar a gomía.

—Sandices andam sempre na bocca do *meirinho da cosinha*—disse elle a Pero Britador—no céu esteja o pagem que tão ajustado nome achou; nem ha maior javardo de monte, que esse mofino velho, tão aferrolhado no alheio, como as arcas do caifaz Abraham de Coimbra... Pero Voador ficade-vos muito nas

boas horas; mas se os lombos vos não doêrem em pouco excommungado seja eu pelo senhor Papa... — E saíu com ademanes altivos o mestre, mui sabedor das matilhas do Castello; na cóla lhe destechou logo o bom do armeiro a mais ruidosa e sincera gargalhada, que nunca se ouvíra.

—¡Não vos sabia aqui! — disse passados momentos o falcoeiro — fazia-vos agora mesmo em Coimbra; boas fadas vos trouxeram, que não era eu muito a meu prazer ha pouco...

—Nem o caso para tal: da côrte me parti a levar dois bons arnêzes e um capello de ferro ao Conde de Urgel; e de lá aqui com recado seu para D. Reimão.

—¿Máu tempo para jornadas?

—¡Não muito máu, para quem vem nas pernas de outrem! o peior era a aljaveira, que era já no fio — e o démo a saltar lá como em paços seus; bem magra saíu a mesquinha; vede-m'a gorda e anafada, que nem leitão de dois mezes! E com certas *papagens* onde pelo direito m'a cisaram como moiros ou judeus!

E abrindo a capa de peão lhe mostrou um dobral bem recheado, ao que parecia, da *diva pecunia.*

—¿Pelo seguro, sobre o sáio, essa malha d'aço, e ao lado o bom cutello? — perguntou o outro. — São leaes amigos, que não ha esquecer, ou largar; e ahi fóra na barbacan com o desalmado perro de um escudeiro de Martim Cravo, que lá era a falar a sua mercê os qui-

zera eu provar: ¿não ouvistes o rebate da atalaya?

—Ah! ¡maldicto seja o démo! de todo me varreram as sandices de Martim Lebreu o répto da cabeça! ¡Sancta Maria val! ¿e será já na sala d'armas?

—Lá deve de estar: tres varas traz o mofino para por parte de tres cavalleiros fazer requesta a D. Reimão. ¿Dizêde, mestre Voador, certo é o haverem elles sacado á força o vosso bom açor prima?

—Tão certo, como é peccado apanhar falcões e açôres antes do S. João, ou tomar-lhe os ovos! Mas boa tenção teem estes que pagam o açor por varas...

—Ás varas os quizera eu—retrucou o armeiro—como a bruxa comborça da tia Brazia de Coimbra, e a ancia do alcaide no chumaço; só, em vez do *coitado*, que não era para taes autos, um braço como este meu!...

—Tá, tá! ¡atagantar esses milhanos!—acudiu o falcoeiro;—roiam-vos os piozes, e lançavam-se ás aves mais féros e bravos...

—Avisadamente falades, Pero Voador; melhor lhes fôra uma absolvição com o meu philisteu; e tal pancada lhes déra o malho, que de bigorna haviam de ter a cabeça para não valer por um talho da boa espada de Fernão Annes!... Mas ouvide: na sala de honra são a esta hora pagens, escudeiros, e o ovençal; bofé, que ninguem é mais apôsto para contar a historia do açor... ¡porventura servirá de muito ao caso!...

— Seja como vos aprouver.

Os dois seguiram pela corredoira, viraram para a esquerda, e emboccaram com a porta escancarada de par em par: lá dentro estava D. Reimão assentado em um escanho, e ajoelhado deante d'elle, com o casco na mão o escudeiro, que trazia pintadas no arnez as armas de Martim Cravo.

— E' obra minha — disse em voz baixa o armeiro, apontando para a coiraça — e todavia tão fino córte tem este cutello; que lh'a romperia como se fôra um dos pergaminhos de Roma!

Mas prendeu-lhes logo a fala e a attenção o que alli se passou depois.

IV

O beijo do cutello

O escudeiro ergueu-se; deu dois passos atraz e acenando com duas varas, disse para D. Reimão:

— Trédo e desleal é o homem, que, resguardado pelos adarves dos muros, acóde ás frestas das seteiras, para de lá rosnar, como velha dona, palavras aleivosas e mentidas contra nobres e esforçados cavalleiros: a esse, se vilão nasceu açoitam-n'o na picota as varas do algoz; se de boa linhagem, convém que prove o dicto á lança e espada em lide a todo o transe...

—¿E se a tal se negar? — atalhou seccamente o Alcaide.

— Se tal negar — proseguiu o mensageiro — apregoam-n'o como covarde e refalsado da hora de terça á hora de sexta ao som de trompa, para ser escarneo das gentes!

—¿Acabaste?—gritou o castellão em cuja voz se misturava a chólera com a dôr.

— ¡Senhor, não!

— ¡Fala, mas sê-me breve!

— D. Romão Viegas Portocarrero, cavalleiro de linhagem, e rico-homem de Riba do Doiro, e vós outros pagens, escudeiros, solarengos, e homens de sua mercê ouvide, e sêde attentos, ao que por parte dos nobres e bons cavalleiros Estevam Pires, e Fernão Gonçalves, tenho que dizer.

—¡Ah!—exclamou, carregando o sobrôlho o Alcaide—dizêde o resto.

— Como lhes soasse, que por boccas de ruins andavam seus nomes, e d'elles affirmades, senhor Portocarrero, que negra tem a alma, e moira a crença; que foram elles no homizío de Martim Viegas, vosso pae, e ahi feitos vís e maus, dizêdes que obraram, por mi negam tudo, e por sua vida e salvação juram; que mentides como escravo, pêrro e judeu!

— ¡Mentides! ¡mentides, escudeiro! — bradou, ou antes rugiu D. Reimão por entre os dentes cerrados, apertando com os dedos convulsivamente o punho da espada.

— E por tal — continuou este — vos fazem requésta e vos reptam para vos matardes com elles sem mercê, nem misericordia, de sol a sol, sem haver repouso nem tregua! — Dom cavalleiro a vós enviam, como testimunho do repto, estas varas, e se não fordes na lide, ¡com ellas intenderão em vos correger como serviçal despresado, ou folião perdido!...

— Ah! ¿findaste o recado d'esses pêrros e réfeces matadores de velhos e donzellas?

—¡Senhor, si!—retrucou o escudeiro, enfiando.

—¿Olhade, Pedro Britador se o mofino boqueja sequer no bom açor?—disse mansinho o falcoeiro ao ouvido do seu robusto amigo.

—¡Foi pombo que caíu no bucho do milhano! ¡feitiços os tomem e mal d'olhado!

—Deixade-os, que me quizera eu antes na pelle de uma ovelha com os dentes do lobo em cima, do que na d'elles, sumida debaixo das grevas e arnezes; melhor fôra andar a braços com o démo, e afferral-o pelas ventas com as tenazes, como já fez aquelle sancto ingrez, de que reza uma devota lenda... ¡mas vêde-me o gesto irado de sua mercê!...

De feito Portocarrero com as faces accêsas em rubor, e os olhos banhados de chólera, corria desatinadamente pela sala de punho fechado, e a passos incertos, tremulos de raiva, e agitados. Parou depois, deante do mensageiro, e mediu-o com vista fulminante; os labios esbranquiçados lhe tremiam como as urzes meneadas pelo sopro do vento nos cabeços visinhos: por derradeiro, rompendo este silencio de máu agoiro para o triste escudeiro, cujo temor denunciavam a palidez do rosto, e o arquejar do peito, que sobre os hombros lhe rangia a coiraça, perguntou com voz rouca e truncada:

—¿Dia da lide?

—De hoje a trinta.

—¿O logar?

— A terra de Sancta Maria; dois tiros de bésta para lá do alcacer moirisco.

—¿Hora?

—¡Quarto de prima!

—¿As armas?

— Punhal e montante, braçaes e cota.

—¿O signal?

— Senhor, é este.

D. Reimão tomou-lhe das mãos as duas varas; ficou suspenso por alguns instantes, e depois, quebrando os juncos, atirou os troços aos pés do escudeiro, accrescentando em tom pausado:

— ¡Não acceito a requésta!

Levantou-se então na sala um murmurio, que era o sussurrar das vozes dos que alli estavam espantados e confusos de tão estranho desfecho.

—¿Quem se atreve aqui a abrir a bocca, quando eu falo? — gritou o Alcaide com voz presa, e meneios irosos: — ¿cuidades que me arreceio d'elles? Nunca respiraram ao bafo ardente das pelêjas, nem lhes crestou o rosto o sol das batalhas.... quando no peito trouxerem escriptas, e bem fundas como eu, as lettras do seu brazão, abertas pelo gume das cimitarras, serei com elles na lide — hoje fôra covardia, ¡ que não valem um talho d'esta boa folha!

E arrancando a espada da bainha, acenou ao escudeiro, que se achegasse.

— ¡ Vêde-m'a! é a espada de damasco, her-

dada de filhos a netos desde a hora, em que na frontaria de Béja se reclinou no leito da terra dura a repousar de oitenta annos de combates o velho Gonçalo Mendes da Maia: — tão antiga como o reino; e todavia não está boto ainda o leal ferro! jurei pela minha alma na derradeira despedida, nunca ferir senão pela fé e pelo rei.... no céu está agora o pae, que me ouviu.... pura, sancta, e fadada pela victoria m'a entregaram — retemperei-a nas correntes do Aragão — affiei-a nas pontas das penhas das Asturias, alli mesmo, aonde se despediram aquellas nobres almas, voando martyres para o céu — alli, sobre a loisa dos fortes, que tanto lidaram pela cruz.... ¡não! ¡minha boa espada, não irei deshonrar-te! ¡andaste sempre encostada a corações generosos, vibraram-te braços, que nunca descaíram de fadiga, e victoriosa te saudou o alfageme, que tal fio soube dar-te!... ¡Morre pois, virgem de feitos desleaes, pura, e honrada como o ultimo, a quem serviste!...

E dobrou-a contra os joelhos para a estalar; mas parou, como tomado de outro pensamento.

— De hoje ávante cerrou-se-me a lide dos fortes — ¡como tigre dobarei pelas trévas as sendas tortuosas da vingança!... ¡nunca te cingirei eu mais!... ¡irás repousar ao lado de meu pobre pae!... ¡e só te haverá outro coração como aquelle, que lá jaz desfeito em pó!

Seguiu-se largo silencio, cortado só pelo respirar anceado de todos, e pelo soluçar alto

do mancebo, que, escondendo no seio do prior Fr. Gil a cabeça, desafogava com o pranto a amargura da alma;—o frade sentiu as lagrimas traspassarem-lhe a estamenha do habito, e humedecerem-lhe o peito ardentes, como fogo.

—¡Animo!—murmurou elle—¿que dirão estes de ti?

—¡Tel-o-hei!—acudiu o moço alçando a fronte abrazada—¡que ninguem saiba que eu chorei!... Escudeiro, dizêde aos réfeces, que vos aqui mandaram que não é á lança e espada, que elles hão-de commigo soldar a conta.... mercê esta, que lhes não farei. Outro castigo os aguarda, por fôro do reino e degredo do senhor rei D. Affonso, vou requerer a pena de sangue.... e justiça será feita.... ¡para elles se ergue medonha a forca peã, popular e infame dos villões!

—¡Senhor, que não é finda ainda de todo a mensagem!—exclamou este, ajoelhando de novo.

—¡Acaba-a, e breve!

—Lastima-se o leal cavalleiro Martim Cravo de serem no homizío de vosso pae uns seus escudeiros.... ¡mas já d'elles houve as cabeças por justiça!

—¿E que me requer?

—Que de tal feito o tenhades por innocente, que longe andava, e na conta de amigo e muito seu affin vos teve sempre, como péde o devido de sangue, que entre ambos existe.

—E a boa mente o hei, e declaro assim;

—lhe tornou o castellão.—Esforçado e generoso é o coração de Martim Cravo—e o mesquinho que outra coisa affirmar cosida terá a bocca mentirosa com a ponta do meu bulhão.

—Pede-vos elle, senhor, que se acabe entre ambos o homizío *por costume de Santarem*!

—¡Será como quer!—ajoelhade ahi:—e vós homens bons, livres por nascimento, ouvide.—Escudeiro tirade o cutello... ¿Jura Martim Cravo por sua vida, pelos ossos de pae e mãe, e pela salvação da alma, que nenhuma culpa teve no homizío covarde e réfece?

—Senhor, jura. E aqui o tendes escripto e asselado com seu punho perante cavalleiros e homens bons n'este pergaminho.

—¡Basta!—disse Portocarrero; e, tomando o cutello, pegou da mão do escudeiro, ergueu-o do chão, e beijou-o na testa.

—Sêde vós outros testimunhas—proseguiu o Alcaide, correndo olhos lentos pelos rostos, que o rodeavam—de que, d'oravante amigos e affins ficamos como outr'ora fomos! ¡E' isto *fiir omezio* para sempre!

N'este momento o armeiro, rompendo por entre os que lhe tomavam a deanteira, avizinhou-se a D. Reimão.

—¡Ah! ¿Já de volta Pero Britador?—perguntou Portocarrero.

—¡Senhor, si! ¡e com recado mui de vulto para vós de Compostella!

D. Reimão, chamando o prior, retraíu-se

logo com o armeiro para o recanto de uma fresta no topo da vasta quadra. — O que elles falaram ninguem o soube — viram só mestre Pero tomar do cinto um pergaminho, e o frade lêl-o ao cavalleiro. Praticaram ainda por algum tempo; quando voltaram, dando por acabada a conversação, os que ficavam mais proximos colheram soltas estas palavras do prior:

— Por vida vossa esperade-me — nada se ha-de tentar antes de *lhe* eu requerer o que nos cumpre.... ¡sabedes o que é o conde d'Urgel!... ¡até á hora derradeira val o arrependimento ao homem!

— ¡Sim, sim!... Ovençal agasalhade-me bem este escudeiro. — Que me arreem a muldo meu corpo. ¡No terreiro da barbacan doze homens d'armas e um pagem a cavallo ao quarto d'alva!

— ¿Partides logo? — disse o prior em meia voz.

— A'manhã para Compostella, e de hoje a vinte dias serei na côrte. — ¡Vou lá a pagar as arrhas da nova rainha de Portugal!

V

O judeu Issachar de Coimbra

Linda e serena se despregava a noite; o norte, varrendo as profundezas do céu, lançára para o extremo horisonte as nuvens densas e tempestuosas, que por oito dias, como tôldo immenso, se haviam desdobrado sobre a cabeça da antiga Coimbra, que, enfeixada entre os grossos lanços das duas coiraças, se reclinava no pendor da encosta, rodeada dos suaves oiteiros, e viçoso estendal de veigas e prados, que em si compõem o risonho painel de seus arredores.

Alegre e festivo corrêra o dia.—O ruido das vozes e passadas do povo; a toada dos alaúdes e violas; e as endeixas sentidas dos trovadores reboavam pela cidade, misturando-se com as risadas discordes e falas chistosas dos pagens e donzeis. Os tabardos variegados; as cotas bordadas de oiro; e os mantos forrados de pelles dos cavalleiros, resaíam, doirados pelo sol, no chão escuro dos sáios e

capas, dos zorames e bragas dos populares, por entre os quaes os ginetes, galopando á rédea larga para a Alcaçova, abriam sulcos tortuosos. A pouco e pouco se esmoreceu o bulicio até de todo se apagar ao caír das sombras da noite.—Só lá do alto, aonde campeava o castello moirisco, transpiravam pelas ventanas sons de festa, e o clarão das tochas, que allumiavam o saráu esplendido, similhava de longe, corôa de estrellas cingida na frente torreada do velho alcacer.

Pouco antes de ser bem cerrada a noite assomára ao portal da casa dos conegos, fundada por D. Paterno juncto da Sé, um vulto rebuçado em capa de peão.—Alguns, curiosos de natureza, que o seguiam, viram-no dobrar a quina da rua para onde davam as portas lateraes do templo—passar rapido pela face tisnada dos paços de Dona Vetaça, e dobrando depois pela rêde baralhada de viellas malassombradas e torcidas, enredar-se no labyrinto da communa, ou bairro dos judeus. As frestas e agulheiros de uma casinha, assentada ás margens do Mondego, transverberavam uma claridade pallida e immovel. O vulto parou alli, e deitando a uma e outra parte os olhos com dessocego bateu de manso á porta: depois de curto espaço ouviram-n'a os curiosos ranger nos gonsos, abrir-se, e para logo tornar a cerrar-se sobre o recemchegado.

—E' algum triste servo do démo, a quem o mal-aventurado judeu Issachar vae levando

pela mão aos paços de Belzebuth!—disseram lá comsigo os honrados burguezes. E talvez acertassem.—O vulto era D. Reimão Portocarrero; e n'este dia se contavam os trinta, que marcára, para começar a pagar as arrhas da nova rainha de Portugal.

Emquanto elles assim se tornavam desconsolados, lá em cima na casa do judeu, continuava uma pratica, que logo ao entrar travára Portocarrero.

—Meu querido Issachar—dizia com um sorriso ironico D. Reimão—farás serviço a um amigo; darás os duzentos maravedís.

—¡ Mofino de mim! tão certo como ser eu o mais pobre e desamparado dos filhos de Israel, que não ha tirar fio de sáio velho; ¡ nem um soldo tenho de meu! já bati a todas as portas da Communa de Coimbra, e nem sequer uma mealha mais pude apurar além dos cem maravedís, que vos contarei... quero dizer que vos emprestarão dois mercadores...

—¡ Com razão te chamas mofino!—atalhou o Alcaide com ar de escarneo—pois, sem tanto caminho andado sei eu quem os porá aqui sem falta.—E' um lebreu desdentado, ovençal do senhor rei, que hontem com os direitos vencidos na herdade de Eiras, e nos Reguengos de Coimbra, recheou o dobral de bons morabitinos de oiro!...

—Quereis zombar com o vosso servo—interrompeu Issachar com anciedade—¡ cem vezes vendido não alcançára eu com que ajuntar tamanha somma! juro pela toura...

— Não te afflijas, honrado Issachar; ¡conheço ainda outro ovençal, a quem por escambos e proveitos, que tira dos direitos reaes, hão-de açoitar pela cidade, e penhorar todo o seu haver, segundo o degredo do senhor rei D. Affonso, quando ámanhã um cavalleiro provar que do alheio se alfaiou!... ¡Judeu! larga essa astucia de raposa — gritou, mudando de tom — ou pela alma de meu pae, que em pouco saberás como estoiram os ossos carunchosos de um pêrro vil e maldicto!

Issachar recuou espavorido; lá dentro ía uma lucta cruel; mas a final, arrancando um suspiro entranhavel, e com os olhos affogados em lagrimas exclamou:

— Virão aqui os duzentos maravedís; irei varrer com as barbas os degráus da Synagoga, e pedil-os a preço d'uzura a meus irmãos; mas ámanhã o mais arruinado mercador d'esta terra serei eu!

— Socega: de hoje a um mez colherás dobrados os teus maravedís, e, á fé de cavalleiro, que abençoarás mil vezes o serviço que me fizeste!... ¡Astrologo e adivinho te chamam!... ¿é certo devassares tu pelas feições o pensamente recalcado e sumido no coração, e descobrires o segredo, que nunca se fiou dos labios?

— ¡Senhor sim! — respondeu o judeu, erguendo o rosto, e cravando no de Portocarrero olhos vivos e escrutadores.

— ¿Que lês nas minhas?

Mestre Issachar abriu a bocca para respon-

der, mas susteve-se, e ficou enleiado como quem não atinava com a resposta.

—¿ Arreceias-te de mim? ¡ vamos! ¡ verdade ou mentira, dize-a, e breve!

--Revela-me a testa espaçosa e alta—respondeu em tom grave o judeu—que ahi morou um animo nobre e aberto a todos os affectos generosos... mas o véu pesado, que entenebrece o rosto, e o clarão medonho, que relampeja nos olhos, me denunciam, que uma idéa séstra e má lançou raizes profundas no coração... ¡ n'esses labios a sorrir desbotados espraia-se um pensamento de sangue, que um dia encaneceu!...

—Sim. ¡ Adivinhaste! ¿E serão as estrellas favoraveis ao meu intento?... fala, triplicarei os maravedís, que já te devo...

—¡Oiro! mancebo—atalhou o astrologo, cujo parecer despindo-se da abjecção costumada, se depurava e ennobrecia com o fervor da crença—¡ oiro! ¿e que val elle para rastrear lá nas alturas a palavra de Jehovah, gravada com lettras de fogo no seio mais intimo dos céus?... Repara n'estas faces cavadas e palidas; n'esta vida que palpita como a lampada do templo ao sopro da morte; n'estes olhos embaciados, aonde quasi seccaram a fonte da luz as lagrimas da desesperança.... ¡ é este o preço da sciencia!... ¡ oh! ¡ quantas vezes me descaíu a vista cançada de luctar; quantas a ergui, sem devassar entre esse milhão de astros, que giram no espaço, as estrellas mysteriosas, que são a corôa de Deus assentada na

tenebrosa fronte da noite!... ¿Aonde vão dias, noites, annos, durante os quaes me consumia em vigilias, curtindo escarneo, affrontas, e amargura pelo coração desfeito de tanto padecer? ¿Que sou hoje? Um morto que fala; ¡uma sombra que passa na terra! e, todavia n'esses esplendores celestes só antevi a thyára de Jehovah; só adivinhei que as constellações são *luz*; ¡e apenas solétro uma pagina das mil desenroladas na órbita de fogo!

Issachar correu a mão pela testa; os seus olhos brilhavam com fulgor estranho, e o rosto se lhe tingiu de leve rubor.

—¡Vaidade é isto!... ¡mas tambem certeza! um raio de luz rompe as trévas d'esta existencia descolorada, quando lá do céu as estrellas respondem ao homem; quando invôlto ainda no pó da terra folhêa o livro, que nem os anjos percebem, e de myríadas de soes compõe a palavra fatal, ¡que só leu Salomão!

—¿Dize-me, influem elles contra mim?

—¡Não! ¡mas guarda-te! Na sua elliptica o astro não formou com as estrellas Jod e Zain o triangulo mystico.

—¿E o do rei?

O astrologo correu olhos tímidos pelo aposento, e pegando da mão de Portocarrero, guiou-o para uma das frestas, que dava para o rio.

—¿Não vês—disse elle—além, por cima d'aquelle cabeço, uma estrella desmaiada a tremer incerta na abobada azul? ¿Não lhe divisas no centro uma nódoa? E' a emanação

de Saturno.... ¡ameaça-o de morte breve!.,.
—Calou-se, embebido em alto meditar—Mancebo —proseguiu depois com voz cava—¡o throno é similhante á rocha, que rompe em seios o escarcéu de mares revoltos, sem haver arbusto, que pegue no recosto esteril, héra, que vista de folhas a fraga nua!...¡como David, desafiou este por uma Bethsabéth a cholera de Deus, e bem dura pesará ella sobre o reino!

D. Reimão, espantado, cuidava, que algum encantamento transformára no sabio serio, e grave o judeu lazerado e sofrego, que primeiro víra:—por largo espaço o esteve mirando, sem dizer palavra.

—¿Dize-me—perguntou—não transparece alli a tua estrella?

—Nazareno—respondeu com tristeza o astrologo—quando, pelas horas mortas da noite, cravo a vista nas profundezas do espaço, vejo desdobrar-se nas trévas do sanctuario a pagina de luz, só uma palavra se esvaece alli sempre, ¡é a da minha sorte! cerram-me os olhos as nevoas de Tobias.

Houve, depois, um largo silencio, em que os dois olhavam um para o outro.

—Sincero foste commigo—disse D. Reimão—e fizeste bem. ¿Issachar, não tens uma filha formosa?

—¡Sim! E' a minha Esther; como os sons maviosos da cithara do rei propheta, me desce suave ao intimo da alma a sua voz, para tambem, como elles, mitigar tristezas e desalento:

é o fructo do meu primeiro amor; o lirio desabrochado no jardim do Saron.... lá jazerá ella agora de joelhos em Santarém encommendando ao Deus de Israel o pae perdido nas tempestades do mundo.

— Enganas-te. Seus olhos negros, e lindo parecer quebraram leis e dever de christãos.... ¡ roubaram-t'a, Issachar!

— ¡ Deus de Moysés ¡... innocente Esther! ¡ mas enganais-me! quereis zombar do vosso servo... ¡ o odio da crença arredará sempre o Nazareno maldicto!...

— ¡ O odio da crença, Issachar! ¿ Vedou-lhe elle porventura a tenção damnada, quando o já traçaram?

— ¡ Sim! ¡ sim! ¡ sou louco! — Esforçado cavalleiro — accrescentou, ajoelhando lavado em lagrimas — sois bom e generoso, — ¡ salvai-a!... mil maravedís.... dois mil.... ¡ todo o meu haver pela filha da minha dôr!

— ¡ Ergue-te, Issachar! e não peças ao tigre que se atire á prêa: ¿ sabes a que vim aqui? ¡ vim a arrancar a alma do corpo; a estancar a sêde da vingança em todo sangue das veias d'esses, que a tomaram!... são os mesmos, que mataram um velho fraco como tu. ¡ e uma donzella, pura e linda como a tua Esther, dorme no seio dos anjos assassinada por elles!...

— Fazei-o, leal cavalleiro, fazei-o assim.

— Asserena o animo; pelo rasto os hei seguido; dia e noite velei ao redor d'elles como o lobo em volta do redil.... ¿ Enxergas no

alto a Alcaçova, coroada de luzes? Lá estão elles rindo ao som das violas, respirando perfumes, e requebrando as formosas. Lá estão cobrindo com falas a sabor o peito damnado.... mas virão aqui, não a entregar-te a filha, que é já por mim segura, mas a tomar todo o teu oiro, tudo o que houveres....

—¿Aonde está a minha Esther? ¡ quero vêl-a!

—¡ Silencio, judeu! ¿ além no rio não alcanças uma setía voando leve pelo vulto arqueado das aguas?... ¿não vês reverberar-se o clarão incerto das estrellas em ferros de lanças, e cascos brunidos? ¡ São os meus! alli corre ella tambem. ¡ A hora da Noa, a barca abicará á praia, e pelas hortas entrarão a casa!... ¡ dá-me as chaves da porta falsa!

—¡ Senhor são estas! Jehovah vos abençoe como abençoou o Deus de Abraham e Isaac!

— Lá se vai destoucando o velho alcacer — proseguiu Portocarrero com os braços encruzados, e a voz truncada — ¡ sumiram-se as estrellas, que o coroavam!... ¡ assim se apagará tambem no livro do mundo, meus leaes cavalleiros, a pagina da vossa vida!... ¡ mas a ultima palavra tem de graval-a bem funda no vosso coração a ponta d'este punhal!... demora-os aqui, Issachar, chora, roja-te pelo chão ¡ e recusa tudo!... ¡ Adeus! ¡ serei comtigo em breve!

E involto na capa, saíu pela porta falsa, que o judeu lhe abriu.

—¡ Deus de Israel — exclamou Issachar, ca-

indo de bruços — dae-me as forças de Sansão para desabar sobre elles o templo de sua maldade!

Ia a erguer-se, quando lhe soou de fóra um grito agudo, como de homem que matam à ferro.

— ¡ Mataram-n'o! — bradou o judeu, batendo com a cabeça na pedra, e arrancando um gemido de agonia extrema — ¡ oh! ¡ minha Esther, minha Esther, que te não verei eu mais! — E ficou extendido como morto sobre as lageas do pavimento.

VI

Homizio por homizio

Passados alguns momentos volveu Issachar ao seu accôrdo: ergueu-se sobresaltado, e correndo os olhos espantados pela corredoira, forcejava por atar o fio de suas recordações meio apagadas; porém a pouco e pouco se lhe avivou a lembrança do que havia passado; e já subia para o apozento, aonde com Portocarrero travára o dialogo, que referimos, quando uma rija aldrabada, abalando a porta, o estacou á entrada tremulo e desfallecido.

— ¿Quem bate?

— ¡Abri a Isaac de Santarém! — gritou de fóra uma voz cheia, respondendo ao tiple esganiçado da velha Rachel. — D'ahi a curto espaço um homem alto, de cabellos grisalhos e aspecto grave, abraçava Issachar.

— ¡A bençam de Jehovah desça sobre ti das alturas! — exclamou elle — Similhante a Josué venho alentar as esperanças de Israel.

— ¡ Isaac ! — ¿ viste a Benóni ?... ¿ que é da minha Esther ?

— Segurou-lhe refúgio um nazareno. Asserena o ânimo.

— ¡ Não me enganou elle! ... déste pelo aviso ... ¿ o velho Judas ? ...

— Chegou tarde. — Pela volta da hora da sexta á minha pobre morada bateu Samuel, filho de Judas, e disse-me : — Saúda-te Issachar de Coimbra, como o anjo saudou a Loth, e te requer a filha do seu amor, a formosa Esther. — Ergui-me, e ouvi. No outro dia ao romper da alva ía ella caminho...

— ¡ Da perdição ! — atalhou com um suspiro Issachar. Malaventurado de mim, que, tão cego como Tobias, a atirei ao laço dos incircuncisos ....

— Mas logo depois — proseguiu Isaac — Pero Britador, que alli viera feirar, segundo costume, soube, que a haviam salteado e levavam captiva dois cavalleiros da côrte.

— ¡ Sim ! ¡ andavam perto espreitando o lanço ! — interrompeu o outro — por um escudeiro de Martim Cravo me enviou o armeiro este aviso : — ¡ Acautela-te ! dois amalecitas que foram no homizío de Portocarrero, traçam roubar a tua Esther .... ¡ E eu tão louco que de um velho trôpego fiei o recado, que só de mim devêra fiar ! ... mas era proximo o dia de arrecadar os direitos reaes, e ....

— ¿ Não creste no aviso do nazareno ? .... disse o outro — apenas me soou a noticia, cingi as roupas, e respigando, como Ruth, no mes-

quinho campo do meu thesoiro, segui-os pelo rasto; o oiro tentará o Pharaó incirconciso, ou a sua linda Dalilla, dizia eu commigo—mas não me desamparou o Deus de Moysés: — descançava á beira da fonte, todo embebido no meu cuidado, quando avistei, galopando á rédea larga um cavalleiro, que no perpassar me soltou estas palavras — Socega Isaac.... a Judia é salva.... ¡entregou-a o Alcaide de Montemór! —¡ Abençoei-o então como Johazor abençoou a Rebecca na fonte de Bathuel....

— ¿E quem era o cavalleiro?

— Robusto e victorioso fere o seu braço, e similhante a Gedeão nunca lhe resistiram muros, nem torres... chama-se Reimão Viegas... tres dias antes o havia eu agasalhado em Santarém, e bem me pagou agora a poisada...

— ¡ Deus de Abraham! ¡ é o mesmo!... ha pouco era elle aqui... a noticia colhi-a da sua bocca, e acreditei-o, que de largos tempos o conheço, e nunca quebrou palavra, que désse... ¡ oh!... ¡mas aquelle grito!... era de mortal agonia... mataram-n'o, Isaac, e com elle morreu a esperança de Israel...

O judeu depennava as barbas, e chorava lagrimas como punhos. Isaac olhava para elle assombrado, não sabia atinar com o motivo de tamanho pranto...

N'este momento pela rua soou um murmurio de vozes, e rumor de passadas; e lógo apóz bateram na porta uma pancada rija.

—¡ Deus de Moysés! ¡são elles!... ¡escondei-vos Isaac, que vos não sintam!... ¡Rachel, abri! irosos os tornará a demora.

Dois vultos assomaram á entrada, rebuçados em mantos escuros; destraçaram-n'os, e o Judeu conheceu os dois cavalleiros.

—¿Isaac, sabes a que venho?—perguntou Estevam Pires.

Quiz responder o judeu, mas a voz ficou-lhe presa na garganta.

—Por certo, que o adivinhaste já—proseguiu com um sorriso ironico o cavalleiro—amarga e acre é a taça da vida... não sei tecer aranzeis...¡serei breve!—¿aonde está a chave de tuas arcas?...¡responde com uma palavra!...

—¡No inferno arda eu com Datan, Coré, e Abiron, se tenho lá de meu um maravedí!... achareis os direitos vencidos nas herdades do senhor rei...¡ mas custar-me-hia a vida na forca o perder uma mealha!...¡ apiedae-vos!—E o judeu estorcia as mãos, e abraçava os dois pelos joelhos.

—¡Fóra, cão maldicto!...¿ que tenho eu com os direitos?... da forca terás os olhos mais apontados para o céu, e dançarás, como uma estrella, nos ares...¡ Issachar, escolhe darás a chave, ou ámanhã na almacova dos judeus chorarão teus irmãos sem remedio sobre um cadaver... A tua Esther é nossa captiva...¡ todo o teu oiro pelo seu resgate!

—¡ Mentis, nazareno!—bradou desatinado o

judeu—¡salvou-a o filho do velho, que assassinaste!...

—¡Ah!... não te enganes, meu querido Issachar,—acudiu com amargo sorriso Fernão Gonçalves—Bem guardada a temos... E ámanhã uma loisa e alguns punhados de terra cobrirão para sempre o segredo, ¡que dorme nos labios do morto!... ¡o homem, que d'aqui saíu, não verá mais a terra!...

—¡Judeu o tempo corre; só a preço de oiro haverás a tua Esther! ¡ou por Santiago Apostolo, que d'aqui a uma hora será já tarde o arrependeres-te! um golpe puxado d'alma... esse rio que vae fundo... e ficará tudo callado entre dois...

—¡Só vos esquecia o terceiro, meus leaes cavalleiros!

—¡Jesus!—exclamaram os dois espavoridos,—¡é Portocarrero!

—¡Já não vive esse triste!—disse D. Reimão—¡mataram-n'o saudades, desesperança, e agonias!...¡agora só aqui está o servo desprezado, o pobre folião perdido, que jurastes pôr ás varas!...¡como se esvaeceu o esforço de tão robustos corações! ¿tentaes as saídas? ¡mais segura bateu a minha espada no alvo, do que o ferro dos vossos assassinos no peito de um falcoeiro sem ventura!...¡já vos conhecia assás!...¡agora, nobres cavalleiros, é tambem já tarde o arrepender-vos!...¡Pero Britador!...¡são as adagas para as cingirem os estremados, a estes nem cabem punhaes de covardes!

O armeiro adeantou-se com alguns homens d'armas, que haviam entrado atraz de Portocarrero; depois de leve defeza, ficaram desarmados os dois cavalleiros, e á mercê do seu contrario...

—¡Até que os alcancei!—bradou D. Reimão, com os olhos accesos em sinistro fulgor—faceis vem as traições aos que vivem d'ellas... o segredo de que pendia a vossa vida revelou-me o escudeiro de Martim Cravo—¡a morte, que dispunham dar-me, acautelei-a pelo aviso do judeu!...¡oh! ¡agora!...

—¡Não nos assassines—estamos á tua mercê!—exclamaram os dois cahindo de bruços.

—¡Não, mil vezes não!—bradou Portocarrero—¡Mercê!... e esquecem os covardes, que eu contei as feridas que tão fundas abriram no peito do velho; que o vi, estirado entre pedras tombadas, e traves incendidas, com o coração frio, e os labios desbotados...¡ e que não morri alli!... ¡mercê! ¡pedís vós!—tornai-me primeiro ao meu passado tão risonho...¡cada dia a esfolhar-me esperanças, cada hora a coar-me alegrias e venturas pelo coração!... ¿quem me cerrou esse futuro tão esplendido? ¿quem me envenenou a essencia da vida?...¿esta alma pura, e singela, quem a converteu em demonio?—¡ pobre vida que já vivi, que saudades tuas me dóem na alma!... ¡oh! ¡e tudo isso espedaçaram elles contra a pedra ensanguentada de um sepulchro!...

Uma pausa solemne se seguiu:—de repente Portocarrero soltou um rugido, que era

como o rebentar de todas as fibras do coração; e tirando a adaga deu dois passos para elles.

— ¡ Misericordia! — bradaram os dois, soluçando.

Recuou, porém; e enfiando o bulhão, com gesto pausado, accrescentou:

— ¡ Não! ¡ era mercê!... homizio por homizio... ¡ mas na forca peã e popular dos trédos!... ¡ pagem! ¡ que enfreiem o meu corredor pombo; — o meu montante bem afiado... ¡ao castello de Montemor! — ¡ Serão estas as primeiras arrhas da rainha de Portugal!... ¡ o resto pagar-lh'o-hei á volta!...

VII

O preito

Cinco dias haviam resvalado já sobre aquella noite, que tão branda e saudosa passára involta no seu clarão suave pela face da guerreira Coimbra, emquanto o tumulto medonho das paixões e as tempestades da alma contrastavam na terra a serenidade do céu. — Formosa rompêra a manhã; o sol entornava torrentes de luz sobre as veigas, e oiteiros intermeiados de vinhas, ou cerrados de arvores, cujo tope ondeava a viração, que, murmurando pelos eirados das casas semi-arabes no gosto e pelos adarves e troneiras do alcacer moirisco, ía, roçando o leve sopro pelas aguas do Mondego, responder lá embaixo com o gemido affogado das ramas ao sussurrar da corrente que se debruçava por entre sinceiraes viçosos. Em uma das salas da alcáçova dois homens continuavam uma larga conversação, cortada a espaços por momentos de silencio, ou por meneios de enfado do mais moço, que,

vestido em rico breal, apertado pelo cinto de gamo lavrado de prata, d'onde lhe pendia o bulhão, nos modos umas vezes sêccos e irosos outras irresolutos e ambiguos, denunciava que o ânimo lhe vacillava incerto sem assentar n'uma vontade robusta e firme. — No aspecto grave, na compostura do gesto, e na inteireza das palavras estava o outro descobrindo o coração, que se não dobrava a falas mentidas, ou a lisonjas doiradas de cortezãos refalsados.

Depois de curto silencio, o mais moço, que tinha a cabeça entre os punhos, e os cotovelos fincados nos joelhos, ergueu de subito a fronte nobre e gentil, accêsa em rubor, e pondo-se de pé, gritou com voz aspera e truncada:

— ¡ Não! Em elmo de cavalleiro se engastou a corôa d'este reino; e nunca servirá de timbre á mitra, ou no embater ousado espedaçará o báculo do bispo o sceptro real, emquanto me não fallecer a vida.... ¡sou rei, e sou christão! por essas terras alvejam mosteiros e egrejas, thesoiros e senhorios, reparti por elles com vontade sincera.... ¡contai-m'os!... Prior, não sereis vós que me ensinareis a fé!

— A fé vive na alma, e mora no coração; — respondeu Fr. Gil com ar severo — e essa ninguem dirá que esmoreceu no peito de D. Sancho... mas as lagrimas do afflicto não as seccam thesoiros ¡os grilhões do servo, de oiro que sejam, curvam-n'o para a terra, e lhe roçam pelos ossos!... afflicta e escrava é a egreja....

—¡Nunca o foi!... ¡não o será!—bradou o rei.—¡Errado é o que dizeis!

—Não vos menti eu nunca, senhor, ¡nunca!... Pelas crastas d'esses mosteiros resoam pragas de servos, risadas e vozes de prostitutas; nas ameias e torres dos conventos scintillam achas e azevans de piões, e a toada de rimances devassos mistura-se com os canticos e orações dos monges; ricos-homens e cavalleiros albergam nos casaes, e até nas cellas, convertendo as terras e casas da egreja em estalla de seus ginetes, em covil de suas adúas... como á antiga Sião lanças e cutellos a cercam, rodeam-n'a tendas de guerreiros, e pelas frestas de pobre ermida sibillou já o granizo das settas, e se tingiram as naves de sangue innocente!... Senhor rei, aos olhos de Deus a obediencia vale mais do que o sacrificio.—Cumpri o que de vós requer o senhor papa.

D. Sancho passeava torvado pela sala, e no seu rosto se pintavam duvidas e receios; mas a final estas verdades, que vinham do intimo de um coração purificado de odios e conveniencias terrenas, o despertaram do torpor, varreram incertezas, e calaram no ânimo.

—¡Farei como dizeis!—respondeu elle—de mansidão e brandura tem sido este meu throno, lá se ha-de sentar agora a justiça, severa, despiedosa, inexoravel... ¿mas que dirão elles?

—Que sois christão, que sois leal á fé—atalhou Fr. Gil—¡ninguem o ousará negar!...

—¿Ninguem?... enganaes-vos, devoto prior; dirão... ¿mas que importa o que elles dirão?... ¡ante a voz de Deus calam interesses do mundo!... Padre, bastará isto para merecer...

—¿O perdão do céu?...—interrompeu o frade, com aspecto grave—só com palavras não se alcança... deveres de rei esquecestes vós por uma paixão séstra e louca...

—¡Padre!

—Verdades amargas são estas, mas verdades... Maldicto é o homem que não arremessa á arena da lucta sceptro de oiro, e falas de paz, que asserenem os ânimos, e apaguem esse pelejar cruento de irmãos... ¡ai do triste! que melhor fado cabe aos que dormem o somno extremo nas gandras ensopadas em sangue, do que ao malaventurado que fica com o peito ralado de remorsos a olhar esses campos, aonde alvejam as ossadas dos fortes, a ouvir lastimas e supplicas faladas em linguagem, que é sua, a vêr êrmas e mudas as villas e cidades, sem haver um som, um gemido ao menos, que lhe lembre o rumor confuso das mil vozes de um povo!...

—¿Que é isso que dizeis? ¿que painel estaes traçando?...

—E' triste, mas é assim, senhor rei... oh! e que inferno de agonias e amarguras lhe andará lá dentro, quando, do seio da solidão maldicta, surgir coroada de incendios, e trajado na purpura de sangue o demonio do exterminio, bradando-lhe por entre o riso torvo:—¿Que miras? Viveu aqui um povo; ¡o sepul-

éhro abriste-lh'o tu!... essas pedras requeimadas e sôltas formaram cidades risonhas e alegres; esse torrão árido já foi estendal de formosos prados; era tudo ditoso, e rico, ¡transformaste-o tu em deserto!... ao amor impuro, á ambição cega de uma mulher vendeste os brios d'esta nobre terra, a tua ventura, ¡e a de um reino inteiro!... ¡és grande no crime!... ¡és egual a Satanaz! uma palavra de soberba tornou réprobos milhões de espiritos celestes, uma paixão tua riscou do livro da vida um povo inteiro!...

Palido, immovel, e espantado o ouvia D. Sancho; a voz embargou-lh'a na garganta o assombro, o gesto prendeu-lh'o o pasmo, mas revelavam o seu padecer os labios tremulos, e o coração que batia atropelladamente. Por alguns instantes o contemplou Fr. Gil silencioso, depois accrescentou:

—¡Esquecei essa mulher! ¡esquecei-a, senhor rei! o sello da reprovação escreveu-o Deus na fronte do primeiro assassino, mas o nome do algoz de um reino até o inferno receia soltal-o!

—Frade, larga tem sido esta prática, ¡bem larga! ¡seria peccado tentares por mais tempo a paciencia de um homem!... até aqui affoguei a ira, que me abraza, mas...

—¡Rei!—bradou o prior com voz cava—pende de um fio a tua corôa...

—¡Embora! o seu peso esmaga-me.

—O nome de cavalleiro...

— Aqui está bota de golpes a minha adaga para o provar...

— Na terra a felicidade, a salvação no...

— Mil annos de mortal angustia por uma hora d'este viver do céu... frade, o amor puro, que se desatou viçoso dentro n'alma não o pódes tu avaliar!...

Uma lagrima se escoou pelas faces cavadas do velho, encruzou os braços, e ergueu os olhos para o céu. — A pouco e pouco se lhe accendeu a vista, assomou-lhe ao rosto leve rubor, e extendendo o braço, com voz cortada e solemne, como se o tomassem assomos de inspiração divina, exclamou:

— ¡Tarde será o arrependeres-te! a mão do Senhor vergou pesando os crimes d'esta geração; contou Deus os dias do teu reinado... as rozas e amores, que te esfolha a vida, cobrem espinhos e cuidados... breve e amarga será ella ¡ao cabo desesperança, remorsos, e o sepulchro!... ¡o sepulchro! longe dos teus em terra estranha... Na vida, mágoas e agonias; na morte, desamparo e solidão; nem uma lagrima de saudade, nem um suspiro, nem uma bençam sobre aquelle ¡que foi nobre, cavalleiro e rei!... ¡pobre rei! ¡que nem ao menos deixarás um écho de gloria vã!... ¡silencio e trevas te sumirão no seio da eternidade!

O prior saiu arrebatadamente. E D. Sancho, enleiado em fundo meditar, nem se bulia d'onde ouvíra estas derradeiras palavras; de repente rompeu o fio de suas reflexões, e se

encaminhou para uma porta, que dava para o interior; recuou. — De pé e com a mão cerrada ao peito, era alli a rainha D. Mécia; na pureza das linhas, no suave contôrno das feições, e no olhar brando e triste recordaria ella aos que a vissem hoje essa belleza ideal, creação divina da arte, que encarnou com seus toques sublimes na formosura melancholica da Virgem o pincel de Rafael Sanzio. A dôr, que lhe estorcia o coração, retratavam as faces desbotadas, os labios tremulos e descorados, e os olhos affogados em lagrimas.

— ¡ Ouvi tudo! — disse D. Mécia, apertando com ancia o braço do rei, e fitando-o com desalento íntimo — ¡ tudo! ¡oh! ¡ que martyrios insoffridos curtí em cada instante!...

—¡ Não desfalleças!... ¿que valem as vozes de um louco?... ¡ nem eu sei o que elle disse!

— ¡ Não eram, não! — respondeu a rainha — as vozes de um povo inteiro podem mais do que o desvario das paixões... irei longe, muito longe esquecer... ¡oh! ¡ que não se esquecem amores como estes!... viver vida de saudades... ¡ irei! que o requer a ventura d'esta terra que é já minha, a gloria da corôa...

— ¡ Não irás! — bradou o rei, atirando-se a seus pés suffocado em chôro — ¡ Seria peccado decepar a bonina porque se desabrochou á beira do abysmo!... não me cortarás tu este affecto sancto, que me prende á terra... é o unico raio de esperança que desponta no horisonte escuro da existencia... ¡o throno nuta estremecido pelo escarcéu d'esse mar re-

vôlto de paixões; a corôa um tufão a varre da fronte; mas este amor!... ¡ninguem!

— Senhor, sabeis que por vós me apartei da terra de meus paes; que por vós arrisquei nome, que vem de reis, fama... tudo quanto uma mulher póde arriscar—¿que vos pedi eu?... amor que pagasse tamanho amor—como só vos pedirei agora o abrigo de um mosteiro, uma saudade, que vos recorde essa mulher que vos amou tanto, e depois... uma loisa para cobrir os ossos, e a esmola da oração, ¡que é de todos!...

— ¡Nunca! ¡és minha esposa! ¡que venham arrancar-te d'aqui! — exclamou D. Sancho estreitando-a nos braços. — ¡Não ha-de ser!

— ¡Ha-de ser! — replicou D. Mécia — ¡ouvi-me! — ha muito, na primavera, vagueava pelo horto; parei ao pé do rozal — uma flor se desapertava do botão — era linda como as mais lindas, e a preguiçosa gentil desenrolava as folhas ao sol, que lhe estava coando amores... vi-a, e passei. Ao outro dia não sei porque tornei lá — murcha pendia da haste, com a côr desbotada, sem o alento suave de seus perfumes... mas na órla de uma folhinha, da mais tenra, poisára o orvalho uma lagrima — a ultima que bebeu a pobresinha... ¡colhi-a!... e logo pelo coração me correu um pressentimento negro... representou-me o fado na triste roza... olhae é esta... ¡morta, esqueceram-n'a todos!...

— Calla-te, — gritou o rei. — ¡Que me importam os agoiros insensatos de um frade!...

¡Ah! ¿querem-n'o assim?... Verão que de meu pae herdei o ânimo duro e tenaz... este casamento, que a occultas se fizéra, já adivinhado de muitos, em tres dias o hei-de apregoar ante os meus ricos-homens, e cavalleiros ¡em que pêz a tredos e desleaes!...

Os olhos de D. Mécia brilharam alegres, e um sorriso mal disfarçado se lhe espraiou pelo rosto. A sua alma, que era um abysmo de ambição, envidára n'este lance todas as posses e fingimentos, para ostentar uma paixão, que não existia — não a illudiram seus calculos; surtiu effeito a astucia; e por isso o coração se lhe dilatava; para esconder a alegria, lançou-se lavada em pranto nos braços do rei; os soluços parecia que lhe estalavam o peito.

— ¡Como ella me amava! dizia comsigo D. Sancho.

— ¡Hora de venturas em que assentei na fronte essa corôa, que tanto anceio! murmurava ao mesmo tempo D. Mécia.

— Será teu o castello de Ourém — proseguiu o rei, depois de leve silencio — dou-t'o em arrhas — é o preço do teu corpo. Um cavalleiro moço e esforçado escolhi para teu alcaide; mataram-lhe dois réfeces o pae... esse caso contou-m'o ha dias o Prior; e quero pagar ao filho a dívida em que estou com o velho Martim Viegas!... hoje mesmo... em breve estará elle aqui a prestar o juramento de preito... ¡dos assassinos justiça tremenda se fará!...

— ¡E já se fez, senhor rei! — gritou da entrada Portocarrero, a quem dois pagens haviam já annunciado sem o rei dar por isso. D. Sancho voltou-se para elle como espantado:

— ¿Quem sois para assim entrardes sem ser requerido?

— Sou Reimão Viegas Portocarrero, que sobre aviso vosso mui secreto, venho prestar a esta linda Senhora o juramento...

— ¡Ah! — disse o rei asserenando o parecer — fazei-o, que ámanhã será sabido, o que dispunha calar ainda.... Portocarrero ajoelhou deante de D. Mécia, que lhe tomou as mãos entre as suas:

— ¿Que juraes Dom Cavalleiro?

— ¡Juro pela alma de meu pae, e pelo Céu, que nos vê, nunca render ou entregar o Castello de Ourém, no alto e no baixo, irado e pagado senão a *Vós*, ou quem de vós houver preito e menagem!

Mas estas palavras despegaram-se-lhe dos labios soltas e repassadas de accento frio e ironico; e a vista, que pregou no rosto da rainha era sombria e sinistra — quando disse *só a vós* um sorriso horrendo lhe assomou rapido aos labios para logo se sumir — mas era evidente que alli encerrava elle um pensamento cruel.

— ¡Em Ourém será soldada a dívida de sangue!... ¡até lá mui linda e excellente senhora!

Era este pensamento, que transparecia no rosto do novo alcaide.

VIII

Monteria

A promessa, que o rei empenhára com D. Mecia, esse casamento, que encerrava em si a eterna desventura de um monarcha, de um reino, não fôra apregoado ainda: quando asserenou o fervor das paixões e socegadamente attentou D. Sancho nas murmurações, na aversão, e nos odios, que rompendo por entre tropéis de cortezãos, lhe resoavam nos ouvidos; quando, arredando os olhos do vulto descomunal do clero, que, entestando com o throno, lhe atravessava abertamente o intento, os volveu para os seus ricos-homens e cavalleiros, enxergou-os a todos irados e sombrios, lavrando-lhes no peito desejos de cega cobiça, luctando-lhes n'alma ancias de vingança, e aguardando o desfecho, como pelejadores, que suspiram pela hora breve de entrar na lide.

Mudou então de parecer, e determinou tentear os ânimos rebeldes, favorecer as ambições

dos senhores, e ganhar a vontadê dos populares, para assim crear uma parcialidade robusta, que, travada estreitamente com os interesses da nova rainha, os provasse á espada no campo aberto das pelejas.

Este plano delineado com astucia fôra obra de D. Mecia; e lograria cabal victoria se vista mais aguda, pensamento mais atilado, e mais tenaz e dura vontade, do que a sua, o não estorvassem; dobando pelas trevas mão occulta lhe desfazia ou baralhava os fios do concerto, adivinhava tudo, e torcia ou derrocava o que se representava mais seguro e calculado. Quem fosse, ninguem o sabia, mas pela mente da futura rainha já passára, rapida, uma suspeita.

Ao romper da alva de um dia de primavéra, formosa cavalgada transpunha o portal da alcaçova, e á rédea larga saía ao campo. Os saios verdes, que vestiam os cavalleiros, as lanças de monte, as trompas a tiracollo, as adúas de cães atrellados aos pares, e as rizadas e louco folgar dos que n'ella íam, estavam denunciando que monteria brava teriam as féras ainda adormecidas nos seus covís.

Em vistoso palafrém, com os cabellos tomados por grinalda tecida de rozas e boninas, seguia D. Mecia o alegre cortejo; o manto forrado de pélles ondeava ao sôpro da briza, emquanto as dobras da garnacha rica, apertada pelo cinto de gamo, desciam em airosas pregarias sobre os sapatos brochados, aonde resaíam bordadas a ouropel as armas do rei-

so.— O garbo no colher as rédeas, a compostura do gesto engraçado, o sorriso que lhe descerrava os labios, e as faces incendidas da linda fragueira quebravam de inveja os olhos dos cortezãos, e ateavam cada vez mais a paixão ardente de D. Sancho.

—¿Cervo prompto no vento e bons alões, mestre Pero?—perguntou el-rei.

— Senhor, si. Não lhe perderão estes o rasto na abalada...¡é cervo real, cervo de dez galhos!

—¡Cuidado!—bradou uma voz—passou aqui javardo novo... deixou as peúgadas...

—¡Batei moitas e balseiras!—acudiu outro.

—¡Avante!—gritou á uma o tropel—é rasgar por valles e oiteiros, se não quereis perder o lanço.

E tudo a despedir a carreira; vôam em redemoinho sabujos, corcéis, e monteiros; debaixo dos pés dos ginetes tremem gandras e montes; brados, latidos, e relinchos rebôam ao longe, sôa o fragor das armas, e a trompa abala a selva. «—¡A'vante!¡ávante!» exclama a rainha, soltando rédeas ao palafrém.

Do seio da cavalgada romperam de súbito clamores de júbilo:

— ¡O cervo levantando! desatrellae os sabujos; alargae a corrida... ¡corrida aberta!... ¡andar, andar! ¡valem muitos pés ao gâmo!... andar, que não esperava...

E todos arremessaram os cavallos apóz a matilha, que se atirava despeada e férvida na

pista do rei da selva; rôlos de pó turvam a vista, e os escondem dos olhos da rainha, que, sem elles o advertirem, no alvoroço, sopeára a furia ao ginete, detendo-se n'um alto, para resfolgar á vontade.

Mas a toada das trompas e clarins espantou outras féras: no momento, em que D. Mecia dava de vara ao corcel, um gâmo novo, atravessando o caminho, pulou do cabeço para uma balsa; o palafrém refoge, ennovéla-se, e fazendo chaças, tenta sacudir o pêzo, que lhe tolhe a fugida.

A rainha pendeu-se atraz, e puxou as rédeas, soltando vozes de pavor: de repente ao seu lado aponta um cavalleiro, e mão segura prende as rédeas.

D. Mecia olhou para elle; era o seu Pagem Mendo Pires.

IX

Rosa de saudade

Mendo desceu do palafrém a donosa cavalleira; e ficou de braços encruzados, e os olhos pregados no chão sem dizer palavra: a rainha encetou a practica:

—¡Bemvindo, meu formoso donzel! ¿o alegre folgar de monteiro não te prendeu a vontade, nem te varreu o prazer da lembrança da tua dama?... leal foste sempre, e sempre ao meu lado te descobri em hora tal.... vê que ingrata que era—accrescentou com brando sorriso—tudo esquecia agora....

—¡Ingrata não, linda senhora! alma tão gentil não o sabe ser—retrucou Mendo melancholico no gesto—¿que vale o vosso pagem para vos andar de continuo na memória?... nunca o triste o creu.... ¡nunca! ¡seria loucura o cuidal-o!

D. Mécia encarou-o pasmada da amargura de que vinham repassadas estas falas; vislumbrou-lhe um receio, um pensamento; mas nem se atrevia a acredital-o: disfarçou-o.

—¿Porque te apartaste meu donzel? ¿o cervo, que me atravessou o caminho, transviou-te da abalada?

— Não foi o cervo, senhora minha.... ¡não! larguei a monteria por aquella que me leva cuidados e.... ¡e essa já alli não era!... temi.... algum caso, algum risco, tudo.... ¡nem eu sabia o quê!... corri, busquei-a anciado, até que a alcancei....

—¿E desejas voltar breve, não é assim? em ligeiro ginete cavalgas; de longe sôa a trompa; não espaces a volta. Vamos, ardido fragueiro, solta as rédeas; aguarda-te o gamo para a derradeira corrida.

—¡Não irei se o não mandaes!... recorda-me elle.... sou louco, nem sei vencer-me. Lá se anda o coitado furtando á morte; espinhos que o ferem não lhe doem; o vigor não lh'o desfallece a larga carreira; ¡ainda espera! Cortem-lhe o ultimo lanço de salvar-se, dará em terra esmorecido.... morto de desesperação; que primeiro o acabará ella do que o tomem ferros, ou raivosas matilhas.... ¡roubar-lhe eu extremo abrigo, seria crueza!... tambem me soou a esperança n'alma.

—¡Mendo! que triste que estás.... e não só de hoje. ¿Meu pagem, quem te matou o alegre viver? ¿quem te apagou o riso dos labios?... tens os olhos pisados, as faces desbotadas.... ¿donzel, tu choraste?

— Chorei, senhora minha, chorei sobre essa existencia, que toda deslisava por entre venturas e contentamento; sobre este coração

que se desatava com jubilo ao sol da vida, como bonina ás orlas de areal revôlto, descuidado da procella que tinha de o queimar.... sobre esse tão doce e esquecido viver, que fugiu, que definharam amargos prantos, lagrimas, e desesperança eterna.

—¿Pagem, tu amas?

—¡Se amo! ¡amo, linda senhora, amo muito!... ¡amo d'alma!... mas....

—¿Responde com rigores a ingrata ao teu galanteio, com desprezo talvez?... Socega, meu donzel, por nobre e senhora que seja, não lhe cede o teu brazão, e tão alto subirás que te acceitem.... ¿quem é ella?

—¿O seu nome?... nem me atrevo a proferil-o.... crésta-me os labios.... adoro-a como no céu se adora a Virgem, de joelhos e sem erguer a vista....

—¿E no rosto, ou nos meneios não lhe colheste mostras, que te dêem algum alento?

—¡Nenhumas! nunca o tive eu; ¡nunca! ¡Senhora minha!... este amor callei-o, ninguem o adivinha; está sepultado aqui; morrerá comigo, desconhecido, despresado, ¡mas escarnecido, não!...

—E's leal meu donzel.... ¡leal em extremo!... quasi que me gera invejas a tua dama —proseguiu a rainha, sorrindo-se com ar chistoso—¿dize-me, e pela mais linda, donosa, e engraçada de todas a apregôas? ¿não é verdade? olha, Mendo, mentem muitos olhos e vozes de namorado; não o crês tu agora. .. ¿e sabe ella que a amas tanto?

—Não o sabe.... ¡não o saberá nunca! ¡que não ousa o sem-ventura revelar-lh'o!... se elle o ousára com a face no pó bradaria, como eu brado agora:—senhora, houve na terra um homem, que vos quiz muito, que vos amou com todo o amor que n'alma cabia.... e nem de consolação, nem de esperança o sustentava o triste.... abafou esse affecto, recalcou-o no fundo do coração que estallava... viveu, se aquillo era viver, a olhar-vos, a ouvir palavras meigas, sorrisos suaves, que entornavam um paraiso de deleites no peito d'outro mais ditoso, que lhe estorciam o seu com ancias, ciumes, e agonias incomportaveis.... e nunca uma vista ardente, nunca um grito de dôr arrancado do íntimo denunciaram o incendio, que ía lá dentro.... ¡nunca!:.. Chorou esse homem.... chorou muito; mas as lagrimas de sangue, vertidas por martyrios insoffridos, bebeu-as elle só.... sumiu-as todas no coração....

—Mendo—gritou a rainha—¿enlouqueceste?.... que estranhas falas....

—¡Ouvi-me, linda senhora, que me ouvis pela derradeira vez!... a esse malaventurado acabou-se o soffrimento.... já não póde mais.... ámanhã lá se vae em lides de moiros descobrir o peito ao alfange do descrido.... ¡vae ganhar morte breve, que lhe dê repouso!... morte do corpo, que a alma traz elle morta ha muito.... ¡dae-lhe um suspiro, uma lagrima, que alveje sobre a lousa do pagem, dae-lh'a que frio e gelado a senti-

rá ainda o pobre!... ¡alentae-o com falas brandas, com um sorriso ao menos, que o sacrificio é grande, e o trago de fel bem amargo!... fazei-o, senhora minha, não vos desluzirá a corôa; mais perdeu o triste, que trocou por vós as rosas da vida, pelos goivos da morte, pelo cypreste de sepulchro esquecido!

D. Mécia o escutou assombrada; Mendo, ajoelhado e com os olhos affogados em pranto, parecia nem ouvir, nem sentir.

— Mendo — disse ella, depois de breve pausa, com ar de magoada — louca é essa paixão.... ¡amor de creança, que nem sei levar-t'o em mal!.!.. o tempo ha-de-o arrefecer.... ha-de apagal-o de todo. Vae, meu pagem, não te tolherei o intento nobre, vae a guerrear os infieis; arnez e elmo te endurecerão o peito.... Volta com o broquél assignado de golpes, rico de glorias.... partirás ámanhã.... ¡hoje mesmo!

O donzel poz-se de pé, e beijou-lhe a mão com funda tristeza; — despregou-se n'aquelle instante uma rosa da grinalda da rainha, e bateu no seio do moço; pegou-lhe elle, e com suspiro entranhavel lh'a entregava.

— Não, Mendo, irá comtigo, se a cubíças — acudiu ella sorrindo-se mansamente — saudades da tua dama recordará a rosa ¡leva-a! ninguem o estranhará. ¡Sê bom e esforçado cavalleiro!... agora convém que te apartes.... se algum dos meus fôr perto, envia-m'o; aqui aguardo; não seguirei a monte-

ria.... olha, meu pagem, quero vêr se á volta ainda a pobre flôr te anda conchegada ao coração.... hão-de invejar-t'a lindos olhos... hão-de requerer-t'a ciumes.... ¿e quem sabe se a esquecerás, meu donzel?...

—¡Nunca, senhora minha, nunca! pensarei muito em vós.... ¡sempre! ¡como se pensa na formosa imagem do archanjo radioso e candido, que transparece em sonhos a esfolhar esperanças sobre o que só assim revê venturas!...

Um raio de alegria sulcára o semblante do pagem: D. Mécia acenou-lhe que saisse; saltou de leve no corcél, chegou-lhe os acicates, e affastou-se a bom galopar; já de longe volveu o rosto atraz, e cerrou a mão ao peito; sumiu-se depois na distancia.

—¡Pobre Mendo!—murmurou a rainha, rebentando-lhe duas lagrimas; e ficou por momentos toda suspensa em alto meditar; seriam ellas recordações, ou mostras de piedade; seriam voz do coração ou suspiro d'alma.—Nem ella propria o saberia talvez ao certo.

X

Traição contra traição

Em breve planicie, que se alargava entre torcidas e estreitas veredas aguardava immovel um troço de homens d'armas e bésteiros de cavallo o momento de arremessar os ginetes pelos plainos, que se estiravam ao largo; enfado e cançasso estavam todos denunciando nas posturas e movimentos; e a vista que alongavam pelas sendas, que prendiam n'esta clareira, revelava o motivo, que alli os detinha: esperavam algum aviso.

— ¡Hora de terça! — exclamou com modos irados um cavalleiro já de annos — ¡ leve o démo gamos e monteiros!... ¡E nós desde o quarto d'alva por valles e serras como as rapozas matreiras a rastrear-lhe os passos!..... boa prêa corremos, mas desconfio já do lanço .... pois se perderam este, tarde será achar outro egual. ¡ Ah! ¡ Gonçalo Esteves já de volta!.... ¿Então homem, resoam esses mofinos clarins? ¿ Por onde vai a abalada? que

me parece tudo abalado juraria eu por Santiago.... ¡ nem sentida de longe se apercebe aqui!....¿ avistaste alguem?

—E' que longe e muito longe iam os fragueiros lá para as bandas....

—¡Sim! ¡sim! Para o sitio que havemos mister; ¿mas parou tudo de subito?...

—Senhor, sim: é para maravilhar; bom vento sopra; e de pouco apupavam bozinas inda que esmorecida nos vinha a toada....¡e callar de salto tudo!....¿ teria que?... ¡ah! olhade!....¡ ahi temos noticia segura!

E o bésteiro apontava para um caminho, que girava por entre oiteiros; á fulla-fulla se atirava um cavalleiro, que, chegado ao pé, colheu as rédeas, e saltou abaixo mui ligeiro.

—¿Que novas?—perguntou o velho com viveza.

—¡ Boas!—redarguiu o outro.—Senhor Martim Cravo, surtiu effeito o plano....

—¿ E D. Mécia onde é agora?...

—Perto a tendes, que se transviou dos seus: em Coimbra arde o tumulto; os cavalleiros de Riba do Doiro cercam a alcáçova, e os populares accêsos em ira se junctaram no terreiro da sé com suas azevans e cutellos: a grita é espantosa; e já dois recados enviou o alcaide a el-rei....

—¿E requerem?

—Que se aparte sua senhoria da feiticeira; é seu prepoedor o armeiro Pero Britador.

—¡Ah!¡ e eu aqui!¿ Aonde está D. Sancho?

— Galopa a bom galopar caminho de Coimbra. — Logo que lhe soou o caso, dispôz voltar á alcáçova; n'aquelle momento soubera pelo pagem Mendo como D. Mécia ficára atraz, perdida da cavalgada.... e determinou afastal-a.

— ¿ Que aviso manda Portocarrero?

— Pede-vos que, por atalhos e a bom correr, lhe tomeis a deanteira; e aqui tendes o seu bulhão para o que sabeis.

— ¡Percebo! é tempo de acabar com os taes milhanos.... Escudeiro, com cinco dos meus, sáe-lhe ao encontro, e avisa-o de que se fará tudo como requer... ¡ Vamos ! ¡ andar, andar!

E o escudeiro com os cinco homens d'armas despediu logo á redea larga, em quanto Martim Cravo voava pela estrada de Montemór.

A curta distancia toparam com a cavalgada da rainha; o escudeiro arredou-se com Portocarrero, e falou-lhe em segredo por alguns instantes. — No rosto sereno e rizonho de D. Mécia não transparecia o menor vislumbre de pezar ou temor; n'um relance calculára ella todas as vantagens e riscos; e apurára todas as artes do seu engenho agudo e prompto para dissipar este novo obstaculo; alcançou logo, que, vencido o alvoroto peão, se lhe abria limpo de estorvos o caminho da corôa; e que na lide, rompendo por entre as mós de populares desfeitas, a boa lança do rei havia de asselar com o ferro o pacto tacito de ambos; sabia egualmente, que apenas a signa real es-

voaçasse tendida ao bafo violento da peleja, a tinham de rodear aquelles mesmos que mais contrarios se declaravam contra o seu intento: e não era duvidoso, que no embater do montante do cavalleiro contra a azevan popular, voaria esta em rachas: — previa, tambem, que, deante d'aquella lucta, se refreariam odios e ambições; e que a espada do ricohomem desceria a embargar na garganta a voz do povo para que ao depois lhe não affogasse a sua.

Por isso do fundo do coração saudava a hora em que rebentára o incendio, que, longe de relaxar o laço, que a estreitava a el-rei, o tinha de apertar mais; e que, provando com a adaga em punho o seu direito, a alçava ao throno a despeito, e por mãos dos que tentavam arredal-a: que esse throno assentasse sobre cadaveres truncados; que o salpicasse sangue de vencidos; e o amaldiçoassem gemidos e prantos de afflictos; pouco se lhe dava.

E todavia o dedo de Deus escrevia n'esta hora, a par do dedo dos homens, a eterna desventura de um rei, e seccava para sempre estas esperanças doiradas, que lhe adejavam em roda, deslumbrando-lhe os olhos.

Emquanto os dois practicavam, D. Mécia ria, e continuava na conversação, que travára com o seu pagem.

— ¡Todos! dizes tu, ¡meu donzel!... recuaram muitos deante de suas achas afiadas... é feroz e cruel nas suas iras o povo; e quando mesteiraes, e villões o revolvem não se lhe

estanca á sede senão em mar de sangue... ¿sabes o que os de Compostella obraram contra a rainha D. Urraca?...

—Sei, senhora minha: ¡mas sei tambem como cortam espadas leaes por corpos de tredos!... boa de beber se lhe affigura a taça, mas o trago mais amargo é o ultimo, e esse tem de o provar... ¡é o que vos digo!... sahiram todos os que sentem brios de cavalleiros á lide; ¡mas Deus perdôe ao braço que vibrou o golpe! ¡o cutello ha-de espedaçar-se no encontro, mas a mão occulta, que o guiou?...

—¡Não entendo o que receias!

—Não são receios, linda senhora, é certeza. Esse povo, que trasborda e ondea como vaga agitada pelas procellas não se ergue por si só...¡concerto encuberto, e traição de senhores desfecharam o tiro!...

—¡Seja como fôr, meu donzel!—redarguiu a rainha depois de leve silencio—De um sei eu que me não ha-de desamparar, nem traír: ¿não é verdade, Mendo? ¡olha! ¡nunca novel anciou mostrar seu amor e esforço em lance arriscado, que tão cedo o lograsse!...

—¡Nunca elle desejou tanto!...¡cuidava o triste morrer só; morrer longe e esquecido; e agora reclinará a cabeça em terra da patria, e com o sopro a briza da sua primavara, roçando-lhe pelos labios, lhe colherá o extremo alento; se depois pelo formoso rosal vos suspirar perfumada e louquinha não a desprezeis, linda senhora traz saudades de morte!... aqui vive a rosa!... na hora em que mão es-

tranha vol-a entregar, dae-me um suspiro... ¡que paguei com vida, e sangue!...

— Senhora, — disse Portocarrero, que ouvira tudo sem ser sentido — Martim Cravo não está advertido para vos agazalhar como cumpre... ¡se vos apraz, irá este bom donzel levar-lhe aviso!... mas parece elle cubiçar o maior risco por vos servir...

Mendo mediu-o com um olhar desconfiado e escrutador.

— Irei e já, senhor alcaide; só receio, que mais no caso esteja Martim Cravo, do que pensaes... lá verei. — Senhora, recordae-vos do que vos disse: não é do cutello que fere, que me temo — ¡só me assusta a mão que o guia!... se todos vos desampararem ...! só um vos não faltará nunca!

— ¡Falaes acortadamente! — acudiu D. Reimão — ide e breve: que no recado, que achardes, conhecereis, que raro nascem rosas em terra alagada de sangue...

A tenção ambigua d'estas palavras não a entendeu o pagem; córou e abaixou os olhos; e a rainha cravou com ar suspeitoso a vista no semblante de Portocarrero: mas era frio, amargo, e sombrio o seu gesto como sempre.

D'ahi a poucos momentos tinha transportado o donzél o ultimo cabeço.

— ¡ Avante! — bradou D. Reimão.

E seguiram todos a trote.

Por largo espaço caminharam em silencio: a distancia, que se embebia na ligeira corrida, parecia crescer e alargar-se; e os sitios, que

D. Mécia tinha tão marcados já ha muito, que lhe fugiram dos olhos: a cavalgada trocára por sendas enredadas, por desvios escusos os viçosos plainos, em que tão alegre se deleitava a vista: — a rainha ainda não descerrára os labios, e toda enlevada em seu cuidar não reparára no caminho que levavam: a alegria e o contentamento a pouco e pouco se lhe esmoreceram; e a côr melancholica dos pensamentos se lhe espraiou pelo rosto: n'esse reflexo perenne do intimo sentir poderia qualquer rastrear a lucta interna dos receios e suspeitas, que a combatiam; similhante á superficie de espelho polido o semblante se annuviára ao sopro de affectos oppostos, e a imagem da esperança que sorria n'alma insensivelmente se fôra retraíndo até de todo a sumir véo de funda tristeza: a serenidade e o frescôr esvaecêu-os ella; o sorriso que floria apenas tambem o apagou, deixando em seu logar uma sombra turva e confusa como o negro pressentimento, que n'aquella hora lhe enlutava o coração; esse pressentimento, que nem sabia entender, nem disfarçar, e que todavia lhe segredava ao peito com voz occulta aviso de perigo encoberto e mal sentido.

Portocarrero tambem não soltára ainda palavra: de instante em instante um riso convulso agitava suas faces immoveis, e o olhar frio se accendia em fulgor estranho: mas acudia logo a refrear os ímpetos, que lhe abalavam o ânimo, e a escondel-os debaixo do gesto severo e triste, máscara que de longos

tempos ajustára ao parecer, para que outros não adivinhassem esse abysmo de desventura, essa tenção séstra e má, que lá dentro se revolvia em lucta cruel: a sua hora ainda não batêra: ainda por momentos tinha o tigre de se arrastar por balsas e vallados antes de se atirar raivoso e férvido; entre ambos mediavam só instantes; mas instantes de insoffrido padecer: contou-os e esperou! Aquella vingança meditada e previdente só devía ferir á sua hora, segura, inevitavel, e horrenda até na dilação.

De repente a rainha ergueu a fronte, e correu a vista pelos sitios, que a rodeavam: por um estorço subito cortára o fio de suas reflexões, e tentava distraír os cuidados travando conversação com o alcaide: mas D. Reimão respondia apenas com falas soltas e curtas ás perguntas de D. Mécia.

—Negras imaginações vos tomaram, dom cavalleiro—exclamou a final a rainha com ar entre de enfado e ironía—ninguem dirá, que nos tornamos de folgar em alegre monteria, senão que nos vamos acercar do ataúde de algum finado... ¡bom é que estejam aqui vestes de festa para o desmentir!

E D. Mécia ria amargamente: Portocarrero, ouvindo estas palavras, que íam encontrar a sua idéa sinistra, estremeceu; e a encarou com mostras de espanto:

—¡Lucto e finados!—acudiu elle com voz preza—não o digaes zombando, senhora minha, que talvez bem ao certo aconteça, o que

affirmaes por mofa... ¿Quem sabe o que nos aguarda ao cabo?... No caminho da existencia a vida e a morte correm abraçadas... ¡e louco é o que tenta devassar os futuros de Deus!...

—¡Sois discreto!—interrompeu D. Mécia —¡boas falas essas para divertir a aspereza do caminho!... na bocca do prior Fr. Gil arrazariam os olhos d'agua ao judeu mais lazarado—tisnada que elle tivesse a alma, venderia a aljubeta, desaferrolharia as arcas, ¡e em algum acisterio purificaria a alma!... cavalleiro, cuido que trocareis em breve a cervilheira e o capello de aço por devoto habito de estamanha, e sahíreis a prégar no êrmo; ¡se voz apraz ficae-vos já aqui, a ponto escolhestes o logar!

—Senhora minha, não sei fingir falas a sabor, nem prender a vontade das damas com requebros namorados... não me creei entre saráus e folias de cortezãos, melhor do que eu o fará o vosso pagem Mendo, o pobre Mendo, ¡que ainda crê que o rosto de um anjo não esconde muitas vezes a alma de um demonio!

—E bem o mostraes, senhor alcaide—retrucou D. Mécia rindo com ar de escarneo—bem o mostraes: sois rude como essa armadura, que envergaes; nunca vos terão por cortez e advertido; socegae, assás o provam vossos dictos.

—¡E todavia, linda senhora, já o fui!—redarguiu Portocarrero, que se despiu do seu gesto pausado, e com as faces incendiadas e

os olhos inflammados parecia rever-se todo no passado — ¡já o fui! tambem acreditei no olhar limpido de uma mulher; tambem imaginei que os labios puros do seraphim não podiam mentir... quando no perpassar o sáio me roçava pelas vestes bordadas, quando via o seu brando sorrir, e sentia o cheiro suave dos perfumes de seus cabellos tambem me bateu atropellado o coração, e me deslumbrou tanta gentileza... coou-me pelas veias esse veneno lento, ¡doeu-me esse espinho a que chamam amor! ¡amei e muito!... e tudo isso passou, apagou-se como a esteira luminosa da leve setía, que vôa descuidada pelas aguas do Mondego, veiu uma noite de horrenda agonia... ¡tenho-a sempre aqui ¡... — e elle apertava a cabeça entre os punhos com a vista desvairada — ao outro dia, quando dei por mim¡ o coração era êrmo e nú; ¡ a alma envelhecêra seculos debaixo do pêso da afflicção! ¡cá dentro era tudo morto! ¡e cuidaram que vivia, porque volvi ao mundo dos homens ¡... volvi sim, que uma divida se havia de soldar... ¡e já a soldei!... ¡viver! loucos que não sabiam, que sob aquella mortalha de purpura e rosas dormia um cadaver, que da vida só uma coisa guardára como sancta — ¡ a memoria! das paixões humanas só um affecto lhe não mirrára o incendio — ¡ a vingança! — E elles que a não adivinharam, porque passava encoberta e disfarçada no riso de amargura, como a dôr do afflicto, como a miseria do pobre; riso de desesperação, que ninguem co-

nhece, porque não verte sangue, nem abre feridas... ¿demais, que importa aos outros que a um filho matassem o pae?.. ¡são trances por que todos teem de passar!

D. Mécia olhou para elle pasmada: Portocarrero, com a cabeça pendida sobre o peito, nem via, nem ouvia: as lagrimas corriam-lhe em fio pelas faces, e não as sentia: n'aquella hora recordou-se ella do homizío de Martim Viegas, e tambem se recordou das palavras agastadas, que lhe cahíram dos labios, e que á ponta da espada gravaram no peito do velho os seus cavalleiros: remorsos e pezares, não do assassinio, que o não mandára, mas de o haver talvez causado, lhe ralavam o coração; por isso baixou os alhos, e seguiu com a cavalgada, que já se avizinhava de Montemor:—D. Reimão de repente alçou a cabeça: e cravou n'ella uma vista amarga e sevéra: as palavras despegavam-se-lhe seccas, e truncadas.

—Era um esforçado e bem aventurado cavalleiro, disseram uns—continuou elle, como se não tivesse interrompido a pratica—morreu o velho Martim Viegas, affirmaram outros—¡mais nada!... e comtudo nunca em recontros de um contra dez, o viram recuar um palmo; e se alli havia faces descóradas, ou arquejava o peito de susto—¡não era o d'elle! ¿Que val isso? ¡morreu! ¡mataram-n'o

—E vós perdestes um nobre pae, senhor alcaide—respondeu a rainha suffocada—¡bem o sei! ¡Deus se amercêe d'elle!... se orações

e preces prestam aos mortos não lhe faltarão...

—¡O premio de sessenta annos de contínuo lidar foi aquelle!—proseguiu Portocarrero —não lhes soffreu o ânimo, que essa existencia de minutos, que tão de perto bafejára a morte, acabasse por si... O muito bom e leal rei, que assim vos toma e espedaça a vida contra os degráus do throno para desaggravar uma barregã, que vos rasga as veias para lhe offerecer o sangue do justo na taça da ebriedade, virtuosa e excellente senhora, que vende corpo e alma á perdição pelo oiro de uma corôa; pela triste vangloria de calcar aos pés um povo inteiro....

O sorriso que lhe tremia nos labios esbranquiçados cortava o ânimo; estas falas vinham repassadas de uma desesperação irrepressivel. O ruido da respiração, e os olhos esgazeados do alcaide tolheram a voz a D. Mécia; desde alli previu que uma grande desventura a aguardava em Montemór.

—¡Senhor Deus Jesus!—bradou com mortal angustia—¡enlouqueceu!...¡e eu aqui só e sem soccorro!...

—¡Louco!—bradou o cavalleiro—¡e não o fiquei então!...¿que quereis? é passo que temos todos de transpôr; que a morte desarraigue a arvore carcomida, ou que a cercêe pelo pé o cutello do villão, ¡sempre é morrer! e para o finado o mesmo é dormir o seu somno eterno conchegado com os ossos dos seus, ou caír varado de golpes entre pedras tombadas,

e traves incendiadas em terra sua: ficar alli sem sepultura, nem orações, sem gemidos e lagrimas dos que amou na vida; alli desamparado e esquecido como uma féra, do que repousar debaixo da lousa; o ésto do sol baterá no seu cadaver, e passará por elle como escarneo atroz, emquanto em roda da prêa esvoaçam abutres, e raivam lobos. ¿Que vale isto, linda senhora, se no meio de saráu esplendido, entre dictos chistosos e cantares doidos de trovadores, um homem vos jurar, que sois formosa, que sois rainha. ¡Não revê sangue a purpura!

—¿Mas que vos fiz eu?—exclamou D. Mécia—nunca o soube, nem o desejei, ¡pela minha alma o juro!

—Mas se esse homem assassinado—continuou D. Reimão—se esse cavalleiro covardemente morto, deixasse um filho, que ao arremessar o ginete contra os paços de seus avós topasse com um montão de ruinas; que ao atirar-se rapido para matar saudades de tres annos, saudades de pae e irmã, ao descavalgar calcasse um cadaver lívido, roto de feridas, e involto em pó, e fosse o de seu pae: se d'alli se afastasse como insensato, correndo emquanto se pôde menear, até caír desfallecido, e ao abrir os olhos désse com outro cadaver, de um anjo de pureza e innocencia, que perguntava ás rosas da sua grinalda ¡porque ao aspecto de estranhos as faces lhe roubavam a côr mimosa! ¡oh¡ então esse filho que em horas breves se vira orpham e perdido no

mundo, que affundára no abysmo de eterna desventura toda uma vida de amor e felicidade, juraria, como eu jurei, com os labios sobre o rosto gelado e insensivel d'aquelle cadaver — ¡vingança tremenda, despiedosa, e inexoravel!...¡ e vingança será feita!...

N'aquelle instante a cavalgada alcançára o viso de um cabeço d'onde se avistava Montemór: para lá endireitaram em silencio; ao acercar-se, Portocarrero pegou das rédeas ao palafrém da rainha, e o som cavo e sombrio da sua voz a despertou: — estavam perto da barbacan. — Sobre o adarve do muro, que rodeava o eirado de uma das torres, descobríra ella de longe dois pontos negros que se recortavam no azul do céu, nem sabia atinar com o que seria: agora aquella voz fez-lhe erguer a cabeça:

— ¡Rainha de Portugal, eis alli as vossas arrhas! — bradou D. Reimão, soltando uma risada aguda e convulsa.

D. Mécia olhou para cima.

Dois cadaveres pendiam de uma fôrca, e se baloiçavam açoitados pelo norte, que soprava com furia: olhou de novo horrorizada — conheceu-os.

Eram os dois assassinos de Martim Viegas, estava cumprido o juramento do alcaide: na fôrca tétrica, popular e peã, soldaram a divida de sanguc.

A D. Mécia fugiu o lume dos olhos, e caiu sem accôrdo ás portas de Montemór.

XI

Ráusso por pena de sangue

Na manhã do seguinte dia, Portocarrero travou com Martim Cravo uma conversação, que não será desagradavel ao leitor para alcançar a razão dos acontecimentos, que marcaram a chegada da rainha.

Os dois estavam em uma corredoira, proxima da sala de honra, aonde D. Mécia, que em pouco tornára em si, repousava da fadiga da jornada; falavam manso, mas o ciciar das palavras sumidas ía bater nos ouvidos da triste captiva, e avivar-lhe os receios: tentou erguer-se, e chegar-se para a porta, que dava para aquelle sitio, mas faltaram-lhe as forças, e caíu sem alento sobre a almadraquexa do estrado.

Era mortal e insoffrida aquella angustia.

— Socegae, senhor Martim Cravo — dizia D. Reimão com ar distraído — não é como julgaes: ¡tomou-a o susto de sobresalto, e nada mais!... nunca pensei que tivesseis tão ligeiros ginetes para nos levardes tamanha dean-

teira; dizei-me, ¿ereis ha muito aqui, quando o pagem Mendo veiu com o recado?

—¡Ha muito!—redarguiu o alcaide com gesto carregado—quasi estou em que nos imaginaes dotados de azas.... seria mister voar pelos ares, e não esfalfar-se arrastado por estes caminhos: ¡dôr de reiras os consuma! bem valem pés ao lobo, mas nunca nenhum, acossado de finos galgos, estirou similhante carreira, ¡e então que voltas!... ¡nada! ¡o donzel apanhou-nos a descavalgar na barbacan!

—¿E d'ahi?...

—¡D'ahi! ¡cuidei logo logo em lhe aprestar a poisada, era cortezia! alli na torre de menagem entre quatro paredes grossas, com bons ferrolhos corridos, e uma fresta por onde espreitasse a sabor....

—¿E elle? Agradeceu-vos. ¡Esteve por tudo!

—¡Oh! ¡se esteve! não, que não tinha outro remedio. Primeiro lá lhe ía subindo o sangue á cabeça, e começava já a cofiar o punho do bulhão com féros de rachar o inferno.... ¡ora! esfriei-o que foi maravilha—sabeis que sou mais de obras do que de falas—rangeram-lhe os ossos do hombro debaixo do meu guante ferrado, vergou, e enfiou como uma donzella.... mas d'aqui a um par de annos, quando as forças responderem ao ânimo ha-de ser de antes quebrar que torcer.

—¿E viu tudo d'alli?

—¡Se viu! ¡que lhe havia elle de fazer!

¡sempre cri que lhe saltavam fóra os olhos!

—¿E *elles*? — perguntou com voz sumida, e como a medo D. Reimão.

—¡Ah! ¿os dois? Isso foi dicto e feito. Apenas me enviastes o bulhão, como era entre ambos concertado, percebi o que mandaveis. ¡Bom! disse eu commigo: a cada qual o seu boccado; agora estes, ámanhã aquelles: é tempo de aviar estes milhafres, ¡boa viagem!... pena tenho eu, mas é de que não tornem, que bem curiosas novas nos haviam de trazer elles dos Paços de Micer Belzebut!...

—Mas....

—¡Lá vamos já! Assim que cheguei, até lhe armar alli tudo para a dança não parei.... depois fui ter com elles, e do melhor modo, que soube, avisei-os do caso.... ¡qual! sempre julguei que era o dia de juizo.... é verdade; disse-me um sancto monge que se acaba o mundo breve; pois deixal-o acabar: cá por mim duas vinhas ao Mosteiro de....

—¡Recuarem deante da morte!—exclamou Portocarrero—os covardes que só para velhos e....

—¡Recuaram! força foi leval-os de rasto. «¡Morrer e d'esta morte!» bradavam elles com ancia.—Que quereis, respondi eu, não morre senão quem tem de morrer.... ¡hoje por vós ámanhã por mim! ¡Vamos é andar! mas o certo é que me roía cá por dentro não sei quê. «Morrer sem confissão—gritaram de novo entre choros e de joelhos—não nos mateis a alma.» Aquillo era outra coisa. Tambem eu

antes da pelêja sempre quiz a absolvição; não sei porque o braço fere mais pesado, limpo de peccados, mas é assim .... dei-lhe alguns instantes e um monge .... ¡depois pst! em obra d'um credo eram com Deus.

—¡E Deus lhes perdôe como eu perdôo agora!... aos umbraes da morte calam odios.... senhor Martim Cravo, que lhes façam por alma preces e rezas em trintario cerrado!... devo-vos já muito....

—Á fé que não. O démo despacha os seus acolitos. Pela salvação vos juro, que não houvera posto a mão no fogo se não fosse ... ¿mas a pobre Aldonça, a minha pobre filha?... ¡louca, perdida, ralada de amarguras, morta por elle! tinha tambem a minha divida a ajustar.... Deus se amercêe de Estevam Pires; mas cá na terra.... ¡o que fiz era justiça!

—Bem o sei, senhor alcaide de Montemór; sois rude pelejador, mas ninguem dirá que sois covarde ou tredo; ¡ninguem! tendes ahi, dissestes, homens de armas e cavallos descançados, que os enfrêem; que um pagem me limpe a armadura, ¡e a minha espada bem afiada na sala d'armas! Em duas horas para Ourém....

—¿E de lá?

—Para Toledo: tareia mas segura foi a vingança; chegou finalmente.

—Por Deus que não lhe errastes nunca o alvo.

—¡Nunca! esses loucos enredaram-se no laço por si mesmos; á vontade colhi os fios....

que amargos dias correram esses dois réfeces desde a noite em que os tomei ás mãos em casa do judeu de Coimbra.... aqui entre a vida e a morte tão certa, tão esperada: ¡um mez! ¡a contar cada instante que os acercava da sepulchro! insoffrido e cruel martyrio tiveram, ¡mas o meu! ¡oh! ¡esse não se pinta com palavras!... E' tempo agora de acabar tudo; ¡e *ella* chorará e chorará tambem sem remedio!

—¡Não sei entender-vos! ¿como a forçareis a ficar em Toledo? Para a roubar ao rei, alvorotastes o povo pelo armeiro; ganhastes a fé de D. Sancho pelo prior Fr. Gil; revolvestes odios e má vontade dos cavalleiros de riba do Doiro para virem a Coimbra; pelo vosso oiro, Issachar, o judeu, vendeu-vos segredos, planos, e traças da rainha, que fiava de um perro, o que nem do rei fiava; tudo isto entendo eu; ¡mas ficar ella! isso não. O mesmo será vêl-a lá, do que têl-a cá.

—¡Ficará, ficará! n'aquella alma, aonde é tudo êrmo, só vibra uma corda, por ella a prenderei; é o meu segredo: depois o sabereis.... vou dispôl-a para a partida, em breve sahirá; que tudo esteja prestes.

E entrou na sala aonde a rainha se recolhêra.

D. Mécia, por um esforço violento màs instantâneo, correu o braço pelos olhos para disfarçar as lagrimas; mas o rosto pálido, a vista lânguida, e a tristeza do parecer desmentiam a serenidade e altivez do seu porte; era toda-

via nobre, firme, e desassombrado o seu aspecto.

—Dom cavalleiro—disse com modos graves e soberanos—se vindes pedir mercê pela descortezia e crueza, que obrastes, fazei-o, e ficae certo de que o não saberá a rainha.

Portocarrero encarou-a espantado: trocaram um olhar rapido mas de profunda significação; ambos se entendiam: n'aquella lucta dos dois, robusto coração batia contra o peito fraco e mimoso da mulher.

—Nem mercê, nem misericordia, senhora minha:—respondeu elle com gesto sombrio—a rainha não a vejo eu aqui; não a vi nunca. Mas a viuva de D. Alvaro Pires de Castro, a.... a dama muito amada de D. Sancho, é que tem de a pedir de joelhos, e com a face no pó, não a mim, que lhe não acceito palavras mentidas, ¡mas a este povo inteiro!... mercê e misericordia por esta generosa terra, escarnecida, vendida e arrastada no lôdo pela sua ambição, pela gloria do rei, adormecido no seu regaço longe da lide dos cavalleiros, e pelas lagrimas e pelo sangue de seus filhos desamparados e esmagados contra os degráus do seu throno de vileza e adulterio ¡E póde ser, que esse povo ainda com os olhos mal enxutos, e a verter sangue das feridas vos perdôe!... uma nação esquece muito, mas vem um dia em que desperta, e então lembra-se, e vinga-se!

—D. Reimão—redarguiu com ar sério e socegado D. Mécia—o rei póde fingir que não

ouve; póde figurar-se adormecido.... ¡cuidado! não acordeis o leão que dorme, os reis tambem se lembram.

—Linda senhora! um punhado de terra e uma oração; uma pedra rasa, duas lettras, e acabou-se tudo —¡o povo é que não morre!

—Dom cavalleiro ¡recordae-vos de D. Maria Paes Ribeiro!... jogaes arriscado: rompe bem pelo gorjal do cavalleiro o cutello do algoz; e quando uma fronte se ergue alta a entestar com o throno, um golpe e um acêno rojam-n'a por terra; deante do cepo do saião as mais ousadas curvam-se, e não se alçam mais!

—¡Quando se curvam! ¡O cutello córta, mas não verga!

Houve então uma curta pausa: ambos recolhiam as forças; ambos se mediam, e tentavam adivinhar o que se escondia no peito. Portocarrero interrompeu-a.

—Senhora—disse elle friamente—aprestae-vos, que partimos breve.

—Sois desleal e tredo, D. Reimão: um peão não forçaria assim a vontade de uma fraca mulher: ¡por minha alma que o não faria!

—Em tres dias sereis no forte castello de Ourém, que el-rei vos deu em arrhas—continuou Portocarrero sem mudar de tom—e em oito para sempre sobre vós se ha-de cerrar a grade de um mosteiro—em oito para Toledo.

Um sorriso sulcou como raio de luz o semblante annuviado da rainha: era o mesmo pensamento, que já tivera Martim Cravo, que

lhe desabrochava esta flôr de esperança; D. Reimão rastreou-lh'o, e respondeu com outro inexoravel e sanguento:

—Irei, senhor alcaide; mas tarde virá depois o arrepender-vos; ¡nem mercê, nem misericordia! n'este feito covarde, tentastes estalar-me o coração debaixo do guante de ferro da vossa armadura—¡uma dama pareceu-vos um inimigo cruel e esforçado! ¡pois bem! coração duro e despiedoso de homem pulsará de hoje ávante contra o peito brando d'essa dama: ¡a rainha não vos ha-de esquecer!

D. Reimão riu-se amargamente.

—¡Entendo-vos, linda senhora! n'este momento leio no vosso coração como em um pergaminho aberto; é esta uma das artes que aprendi do vosso *leal* ovençal Issachar de Coimbra.—«¡Pobre louco, dizieis lá no íntimo, pobre louco, que te imaginas vingado, e não advertes que é por instantes!—Tres dias em Ourém; oito em Toledo, e no decimo, sobre o teu cadaver destroncado assentarei os degráus do meu throno, o teu sangue avivará a púrpura do meu manto; ¡no decimo sou rainha!»—Formoso sonho era este em verdade; infelizmente não passa de sonho, ¡e a realidade vae longe!

A rainha olhou para elle com mortal anciedade, e involuntariamente uniu as mãos.

Esta horrenda incerteza era insoffrida.

—Senhora minha—proseguiu D. Reimão em tom aspero e severo—o vosso engenho agudo e prompto não adivinha ainda tudo.

¿Não descobrís até na dilação a vingança meditada e previdente?

A sua respiração era affanosa, e as palavras, que seguiram, rangiam por entre os dentes cerrados.

—Tudo é morto em redor de vós. Morto como os affectos nobres da alma de uma mulher, que Deus fizéra anjo, e a ambição tornou demonio; morto como o futuro e a esperança d'esta vida, ¡que por vós escrevi com sangue no livro da perdição! ¡morto, e morto para sempre!

—¿Quereis então matar-me? — gritou ella quasi desvairada — ¡tão moça, tão presa á vida e ao mundo, que me sorri!... ¡matar-me!... ¡não! ¡não! tirae-me tudo... ¡tudo, menos a vida!

—E tudo vos será arrancado... ¡menos a vida! ¡assim o juro!... Não vos recordaes — accrescentou com ar entre de ironia e piedade —¿não vos lembraes de certa viagem encoberta, que longe, bem longe da côrte e dos risos e devaneios dos saráus, alongou para triste morada uma formosa fragueira, que logo ao descavalgar de tão afadigado caminho apertou nos braços uma creança, e pareceu querer infundir-lhe a alma entre beijos ardentes, entre mimos e affagos? ¿não vos lembraes d'isto, senhora?

—¡Lembro! ¡lembro!... sabeis tudo... ¡mercê e misericordia!... ¡pede-a a mãe!

—Que lagrimas e que suspiros lhe não estalaram o peito — continuou D. Reimão — ¡á

vista d'aquella linda creatura tão fragil e mimosa!... ¡não o esquecestes vós por certo, bem o sei! ¡não o podeis nunca esquecer!... porque no encontro da mãe com o filho, o anjo que se vendêra á ambição, ficou anjo... ¡e salvou-se!... ora, essa creança tomei-a eu... ¡e no castello de Ourém ouvirá de vossos labios a sua sorte!...

D. Mécia caíu de joelhos, e arrastou o rosto pelas lages do pavimento: o orgulho, o amor puro e sancto de mãe, todos os affectos nobres, todas as paixões más luctaram, espedaçaram-n'a, vergaram-n'a, partiram-lhe o coração, e quebraram-lhe o alento. Era o primeiro passo pelo calvario da amargura, o primeiro trago de fel libado na taça da agonia, um penar de mil tormentos que a estorcia e rasgava.

Chorou então, alli e deante d'elle, chorou muito e em silencio.

Pelo amor chamava Deus a si aquella alma; a vingança e a ambição encontraram-se, combateram, e caíram.

¡Alli só estava a mãe! e Portocarrero sentiu acudirem-lhe as lagrimas aos olhos, e a piedade ao coração.

Tornou a ter fé.

Passado curto espaço, D. Mécia alçou a nobre fronte, enxugou os olhos, e com a voz presa e agitada perguntou a Portocarrero:

—¿Esse segredo íntimo quem o revelou? senhor alcaide, não é por mim, por mim que dei já de mão a pensamentos altos, mas por

elle que o quero saber ¡por elle!... ¿entendeis? a rainha morreu ás portas de Montemór... mas a mãe ¡oh! ¡essa viverá inda além do sepulcro!...

D. Reimão inclinou a cabeça deante d'ella.

—¡E se o fizerdes do coração, sois uma sancta e nobre creatura!

Então contou-lhe o caso do Judeu Issachar; o roubo da filha, a prisão dos dois assassinos, e como todos os segredos da rainha, confiados á fé do Judeu por interesse e gratidão lhe eram revelados—este da creança, que de boa vontade quizera ella calar—levou-a a confiar-lhe o desejo de indagar pelos astros a sorte do filho. Depois narrou-lhe o modo, por que o tomára, e como em Ourem o tinha fiado de mãos leaes: a rainha não poude duvidar da verdade. Acreditou-o.

Irei a Toledo, separar-me-hei d'elle... do pae de meu filho, do rei que tentou subir-me á altura do seu throno, ¡e que por mim arriscou tanto!... farei tudo, nunca nos veremos mais... ¡mas esse menino, quero-o!

—Ficará em vossas mãos logo que D. Sancho escolha uma esposa, ¡até lá não!—respondeu o alcaide—¡assim o jurei pelos ossos do velho assassinado!... mas debaixo de guarda segura, serei como pae, ¡o orpham nunca adivinhará que o é!... ¡dou-vos a minha fé!

—¡Não o vêr mais!... ¿mas não sabeis que sou sua mãe?... que...

—Que darieis um anno da vossa vida por cada vista, ¡por cada saudade saciada em mil

falas e beijos d'amor!... ¡sei, senhora minha!... vêl-o-heis uma vez por anno, de subito e sem o esperardes, ¡tambem o juro!... ¿Creio que podemos partir?

—¡Partir!... ¡sim e breve!—respondeu ella suspirando—¡em Ourém o verei ao menos!... aqui aguardo.

Portocarrero saíu.

—¡Nem uma saudade só! ¡nem uma lembrança do pobre captivo e preso pagem!...

A rainha olhou sobresaltada ouvindo esta voz triste, e viu o donzel immovel de braços eucruzados.

—¡Mendo! ¡meu leal e bom donzel!... vou partir... deixar-te a ti e a esta formosa terra de Portugal.... que eu amava tanto. ¡Adeus meu pagem!... ¡o teu pressentimento saíu certo!... a rosa...

—¡Tenho-a aqui sobre o peito!—disse o donzel ajoelhando—¡e não m'a arrancarão nunca!... ¡ouvi tudo, senhora minha! ¡tudo!... amava-vos d'alma... ¡agora adoro-vos!.

—Adeus meu donzel... ¿ver-nos-hemos um dia não é assim?... Quando o pagem da rosa fôr um estremado e bom lidador... ¡e será breve!...

—Senhora minha, fiz um juramento, ¡e hei-de cumpril-o!... «Se todos vos desampararem só um vos não faltará nunca... ¡e esse não vos faltou! ¡nem vos faltará!»

—¡E' tudo prestes, e as horas voam, se-

nhora; os ginetes enfreados aguardam-nos!
Era a voz de Portocarrero.
—¡Vamos! senhor alcaide, o meu pagem Mendo me seguirá a Ourém, se não mandaes o contrario.
D. Reimão inclinou-se.
D'ahi a curto espaço o tropear dos ginetes sumia-se na distancia. Foi o ultimo dia de rainha, que teve D. Mécia.

Dias depois um trôço de cavalleiros e de homens d'armas a bom galopar acercavam-se de Ourém — o alcaide saíu ao adarve: no meio viu esvoaçar ao sopro da viração a signa real — Era D. Sancho II.
—¡Que nos abram as portas, e desçam as pontes! — bradou o rei adeantando-se.
D. Reimão calou a viseira, e trazendo pela mão D. Mécia, tornou á aberta do adarve.
— E eis a minha resposta. Senhor rei, jurei nunca entregar o Castello d'Ourém, no alto e no baixo, irado e pagado senão a D. Mécia, ou a quem d'ella tivesse preito e menagem, — esse tenho-o eu — ¿Senhora mandaes abrir estas portas, e descer as levadiças?
A rainha estava palida, muito palida, todavia a sua voz soou forte:
— Não. ¡Alcaide obrae segundo vos é dado! ¡Meu filho! ¡que dôr me déste já! — disse ella manso.
Dos olhos de Portocarrero escoou-se uma lagrima, e elle não a encobriu.

— ¡ Bésteiros! encurvae as béstas; e alçae todas as levadiças; correi os postigos, e armae vossos trons, quem se adeantar a tiro de bésta ¡ morra!

D. Sancho pendeu a cabeça para o peito com desalento.

N'este apuro um postigo abriu-se, e o pagem Mendo saíu por elle, chegou-se ao rei, e falou-lhe por muito tempo a sós, até lhe entregar uma trança e um collar. D. Sancho logo depois virou rédeas ao cavallo e afastou-se com os seus.

Os que o viram, disseram depois que chorava lagrimas como punhos.

E' que se cumprira bem cedo a prophecia do frade.

FIM DO «RÁUSSO POR HOMIZIO»

INDICE

OBRAS COMPLETAS

DO

VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT

Volumes publicados
no mesmo formato e ao mesmo preço da edição

DE

L. A. REBELLO DA SILVA

Tomo I — **Camões.**
» II — **Catão.**
» III — **Merope — Gil Vicente.**
» IV — **Romanceiro** — 1.° volume.
» V — **Frei Luiz de Souza.**
» VI — **Flores sem fructo.**
» VII — **D. Filippa de Vilhena — Tio Simplicio — Fallar verdade a mentir.**
» VIII — **Viagens na minha terra** — 1.° volume.
» IX — » » » — 2.° »
» X — **A Sobrinha do Marquez — As prophecias do Bandarra. — Um noivado no Dafundo.**
» XI — **Arco de Sanct'Anna** — 1.° volume.
» XII — » » — 2.° »
» XIII — **D. Branca.**
» XIV — **Romanceiro** — 2.° volume.
» XV — » — 3.° »
» XVI — **Lyrica.**
» XVII — **Fabulas — Folhas cahidas.**
» XVIII — **O Alfageme de Santarem.**
» XIX — **Portugal na balança da Europa.**
» XX — **Da Educaçọ.**
» XXI — **O Retrato de Venus**, precedido de um Ensaio sobre a historia da lingua e da poesia portugueza.
» XXII — **Helena**
» XXIII — **Discursos parlamentares — Memorias biographicas.**
» XXIV — **Escriptos diversos.**

OBRAS COMPLETAS

DE

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

Volumes publicados
no mesmo formato e ao mesmo preço da edição

DE

L. A. REBELLO DA SILVA

I—Amor e melancolia.
II—A chave do enigma.
III—Cartas de Ecco e Narciso.
IV e V—Felicidade pela Agricultura (2 vol.)
VI e VII—A primavera (2 vol.)
VIII a XV—Vivos e mortos — Apreciações moraes, literarias, e artisticas (8 vol.)
XVI a XVIII—Excavações poeticas (3 vol.)
XIX e XX—O Presbyterio da montanha (2 vol.)
XXI e XXII—O Outono (2 vol.)
XXIII a XXVI—Quadros historicos de Portugal (4 vol.)
XXVII e XXVIII--Novas excavações poeticas (2 v.)
XXIX a XXXII—Camões, drama e notas (4 vol.)
XXXIII—Canáce, tragedia original.
XXXIV—Um anjo da pelle do diabo.—O casamento de oiro.
XXXV—Aristodemo, tragedia. — A volta inesperada, farça.
XXXVI—A festa do amor filial. — A filha para casar.
XXXVII e XXXVIII—Palestras religiosas (2 vol.)
XXXIX a XLV—Casos do meu tempo (7 vol.)

NO PRÉLO:

XLVI—Estrias poeticas para o anno 1853.

OS ROMANCES CELEBRES

**Volumes de 160 paginas a 60 réis para Lisbo
ou 70 réis para a provincia**

Romances publicados: DE VICTOR HUGO	VOLUMES BROCHADOS			VOLUMES ENCADERNAD		
	Quantidade	Preço em Lisboa	Preço na provincia	Quantidade	Preço em Lisboa	Preço provin
Noventa e Tres	4	240	280	1	400	4
O Homem que ri.........	6	360	420	2	680	7
Os Miseraveis........ ...	16	960	1.120	4	1.600	1.8
Han d'Islandia	4	240	280	1	400	4
Homens do mar..........	4	240	280	1	400	4
Bug-Jargal	3	180	210	1	340	3
Historia de um crime.....	4	240	280	1	400	4
Napoleão o pequeno.....	3	180	210	1	340	3
Nossa Senhora de Paris .	5	300	350	1	460	5
A Galderia (de Pierre Descourcelles)......... ..	8	480	560	2	800	9
Alma Negra, (de Xavier de Montepin)...........	8	480	560	2	800	9

NOVA COLLECÇÃO PORTUGUEZA

**Livros originaes portuguezes de 160 a 200 pag
a 200 réis brochado e 300 réis cartonado**

Volumes publicados:

1 **O Rancho da Carqueja**, tentativa de romance historico, baseado nos acontecimentos academicos do seculo XVIII, por Antonio Franc.^co^ Barata.

2 **O Annel Mysterioso**, scenas da guerra peninsular, romance original de Alberto Pimentel.

3 **Theatro completo**, de Joaquim da Costa Cascaes, acompanhado de uma noticia sobre o auctor e a sua obra dramatica, por Maximiliano de Azevedo. Vol. I O VALIDO e O CASTELLO DE FARIA (dramas).

Theatro completo, de J. Cascaes Vol II: GIRALDO SEM SABOR OU UMA NOITE DE SANTO ANTONIO NA PRAÇA DA FIGUEIRA (com.) O ALCAIDE DE FA (drama).

5 **Theatro completo**, de J. C caes. Vol III: O MINEIRO CASCAES. O EXTRANGEIRA e NEM RUSSO NEM TUCO OU FANATISMO POLITICO (com.)

6 **Theatro completo**, Vol. I NEM CESAR NEM JOÃO FE NANDES OU OS EXTREMOS T CAM-SE (com.), e a PEDRA D CARAPUÇAS (drama).

7 **Theatro completo**, Vol. V: LEI DOS MORGADOS e A C RIDADE (dramas).

8 **Theatro completo**, Vol. A INAUGURAÇÃO DA ESTAT EQUESTRE (com) O CARI (scena dramatica). e o es de Maximil.^o^ d'Azeve.^o^ ác do notavel dramaturgo.

Obras completas
de A. F. de Castilho

XLI

Casos do meu tempo

VOLUME III

LISBOA
EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
95, Rua Augusta, 95
1906